

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

TÂNIA DE CARVALHO SOUZA GOMES

**A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL, NUMA PERSPECTIVA DO CUIDADO E DA
FORMAÇÃO HUMANA**

São Leopoldo

2025

TÂNIA DE CARVALHO SOUZA GOMES

**A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL, NUMA PERSPECTIVA DO CUIDADO E DA
FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientador: Dr. Marcelo Ramos Saldanha

São Leopoldo

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633e Gomes, Tânia de Carvalho Souza

A educação comunitária de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, numa perspectiva do cuidado e da formação humana / Tânia de Carvalho Souza Gomes; orientador Marcelo Ramos Saldanha. – São Leopoldo: EST/PPG, 2025.

88 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2025.

1. Educação comunitária. 2. Ética do cuidado.
3. Vulnerabilidade social - Adolescentes. 4. Espiritualidade.
I. Saldanha, Marcelo Ramos, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

TÂNIA DE CARVALHO SOUZA GOMES

**A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL, NUMA PERSPECTIVA DO CUIDADO E DA
FORMAÇÃO HUMANA**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação
Linha de atuação: Educação Comunitária com
Infância e Juventude

Data de Aprovação: 09 de janeiro de 2025

PROF. DR. Marcelo Ramos Saldanha (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a Laude Erandi Brandenburg (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a Claudete Beise Ulrich (UNIDADE DE VITÓRIA)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Marcelo Ramos
Saldanha :
XXX.811.570-XX
Date: 22/01/2025
17:20:18 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Laude Erandi
Brandenburg :
XXX.548.850-XX
Date: 24/01/2025
21:10:56 -03:00



*Dedico este trabalho a Deus, a quem
rendo toda Glória e louvor.*

*A meus familiares, em especial ao meu
esposo Ruy e filha Isabela.*

*Aos meus pais, Waldemar e Ester, por
terem sido meus maiores exemplos de
educadores (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, pois sem a presença d'Ele não conseguiria ter chegado até aqui. Pelo Seu infinito amor derramado em minha vida. Toda a Glória e louvor entrego a Ele.

Aos meus familiares, que muito me incentivaram, e em especial ao meu esposo Ruy e filha Isabela pela compreensão e por caminharem comigo nessa etapa tão importante para mim.

In memoriam, aos meus pais Waldemar e Ester, por terem me inspirado através do seu exemplo de vida e como educadores, que sempre cuidaram, investiram e acreditaram na mudança de muitas pessoas.

A Comunidade Cristã da qual faço parte, a Igreja Batista da Família, onde tenho sido muito edificada como ser humano para viver o evangelho de Cristo na prática.

A todos os meus professores da Est, pelos momentos compartilhados em todas as aulas, que trouxeram muitas reflexões e que, com muito carinho, levarei para a vida.

Ao professor Marcelo Ramos Saldanha por toda a orientação, incentivo e zelo para a realização deste trabalho.

A todos os colegas de mestrado pelo companheirismo durante as aulas e em especial a minhas colegas de Salvador: Conceição, Teresa, Cida, Mona, Daniela, Geciene, Valéria, Ana Bárbara e Janice. Gratidão por todos os momentos vivenciados.

Meu muito obrigada!

*Assim, permanecem agora estes três: a fé,
a esperança e o amor. O maior deles,
porém, é o amor.*

Apóstolo Paulo
I Coríntios 13.13.

RESUMO

A adolescência é uma etapa importante de transição entre a infância e vida adulta e, mediante o panorama brasileiro de muitos adolescentes em situação de vulnerabilidade social, essa pesquisa se apresenta tendo como principal objeto a educação comunitária e sua relevância na formação humana de adolescentes por meio do cuidado. A educação comunitária pode ser observada em sua amplitude, tanto na diversidade de contextos, formais ou não formais, quanto de metodologias. Em ambientes não formais como igrejas, percebe-se uma relação importante entre educação e fé, o que tem distanciado a juventude de situações de vulnerabilidade. Desse modo, pode-se entender a fé como um mecanismo muito relevante na educação comunitária e um elo integrador entre ela e a teologia. Então, a pesquisa se orientará para a formação do ser em sua integralidade, abordando aspectos pedagógicos e teológicos. Inicialmente, a investigação busca a compreensão do fenômeno da adolescência, sua concepção na família contemporânea, a formação da identidade, a fé, as interações sociais e o entendimento dos contextos de vulnerabilidade social. Posteriormente, a investigação avança para o conhecimento sobre a educação comunitária, seus pressupostos, bem como as características do ensino e suas implicações. O estudo também se aprofundou na compreensão sobre o cuidado, como prática inerente ao ser humano e elemento importante nessa dimensão educativa. Em um mundo em crise, há uma necessidade primordial de construção de um novo *ethos*, que orientará as ações educativas para essa perspectiva do cuidado e da responsabilidade social. Como produto de pesquisa o estudo orientou a construção de um projeto de intervenção social na área de educação musical, visto que a música é uma prática que envolve o ser humano desde o seu nascimento, estando presente nas mais diversas culturas, grupos e comunidades, sendo um meio importante na espiritualidade humana. Nesse sentido, a pesquisa além da compreensão de todos os referenciais teóricos que embasam a educação comunitária e a ética do cuidado, também proporcionará alternativas por meio de metodologias que poderão se apresentar como mecanismos importantes para a transformação das realidades em que muitos adolescentes vivem no Brasil.

Palavras-chave: Adolescência. Vulnerabilidade social. Educação comunitária. Ética do cuidado. Responsabilidade social.

ABSTRACT

Adolescence is an important stage of transition between childhood and adulthood and, through the Brazilian panorama of many adolescents in situations of social vulnerability, this research is presented with community education and its relevance in the human formation of adolescents through care as its main objective. Community education can be observed in its breadth, both in the diversity of contexts, formal or non-formal, as well as methodologies. In non-formal environments like churches, there is an important relationship between education and faith, which distances youth from situations of vulnerability. In this way, faith can be understood as a very relevant mechanism in community education and an integrative element between it and theology. Therefore, the research will be oriented towards the formation of being in its integrality, addressing pedagogical and theological aspects. Initially, the investigation seeks to understand the phenomenon of adolescence, its conception in the contemporary family, the formation of identity, faith, social interactions and understanding of the contexts of social vulnerability. Subsequently, research advances for the knowledge on community education, its assumptions, as well as the characteristics of teaching and its implications. The study also deepens the understanding of care, as a practice inherent to the human being and an important element of this educational dimension. In a world in crisis, there is a primordial need to construct a new ethos, which will guide educational actions for this perspective of care and social responsibility. As a research product or study oriented to the construction of a social intervention project in the area of musical education, given that music is a practice that involves the human being from birth, being present in the most diverse cultures, groups and communities, being an important part of human spirituality. In this sense, in addition to understanding all the theoretical references that underpin community education and care ethics, it will also provide alternatives through methodologies that can be presented as important mechanisms for the transformation of the realities in which many adolescents live in Brazil.

Keywords: Adolescence. Social vulnerability. Community education. Ethics of care. Social responsibility.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA	25
2.1	O QUE É ADOLESCÊNCIA?	26
2.2	INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA	29
2.3	A ADOLESCÊNCIA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	34
2.3.1	As Interações Sociais	34
2.3.2	Fé e Identidade	36
2.4	A VULNERABILIDADE SOCIAL DE ADOLESCENTES NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS BRASILEIRAS	40
2.5	SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO	44
3	A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA	47
3.1	CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA	47
3.2	FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS E TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA	48
3.3	O PROCESSO EDUCATIVO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS, ESPIRITUAIS E AFETIVAS	53
3.4	SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO	57
4	PRESSUPOSTOS DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO	59
4.1	A ÉTICA DO CUIDADO E A FORMAÇÃO HUMANA	59
4.2	O SURGIMENTO DE UM NOVO ETHOS	64
4.3	O CUIDADO E A FORMAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL	67
4.4	SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO	70
5	PRODUTO DE PESQUISA	73
5.1	PROJETO PEDAGÓGICO: OFICINAS MUSICAIS	74
5.1.1	Objetivo Geral	74

5.1.1.1	<i>Objetivos específicos</i>	74
5.1.2	Fundamentação Teórica	75
5.1.3	Justificativa	77
5.1.4	Metodologia	78
5.1.5	Cronograma das aulas	79
5.1.6	Recursos Didáticos	79
5.1.7	Avaliação	79
6	CONCLUSÃO	81
	REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

A temática apresentada nesta pesquisa é sobre a educação comunitária de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, numa perspectiva do cuidado e da formação humana. Esse assunto é muito relevante porque parte de uma realidade em que muitos adolescentes e jovens vivem no Brasil, a de vulnerabilidade social.

A motivação para realizá-la aconteceu devido à minha história em educação e por acreditar em seu potencial na transformação de muitas realidades de vida. Sou professora há mais de 27 anos, filha de professores e o exemplo dos meus pais me inspirou a seguir essa carreira profissional. Como educadora, convivo com muitos adolescentes enfrentando situações vulneráveis. A juventude encontra-se em um momento no qual a escola, a igreja e os espaços de educação ainda surgem nas comunidades como ambientes formadores.

Além de professora da rede pública, atuo como educadora musical e alfabetizadora voluntária em um projeto missionário da comunidade cristã da qual faço parte, a Igreja Batista da Família, em uma comunidade da zona rural, o povoado de Mamonas, pertencente ao município de Milagres (BA), que fica a uma distância aproximada de 241km da capital baiana. Esse contexto é carente e com características bem definidas, por ser uma região do sertão baiano, que apresenta questões sociais relacionadas ao pouco investimento público em educação, saneamento básico, transporte, pavimentação da via de acesso, dentre outros.

No entanto, por meio desse projeto foi possível conhecer um outro contexto diferente dos centros urbanos. Essa foi a oportunidade de experimentar a educação nas comunidades, a igreja como uma célula importante na formação humana, a fé Cristã como um fundamento educacional e um elo integrador das pessoas com Deus e outras pessoas, num processo intrínseco de transformação para uma nova perspectiva de futuro, distanciando a juventude de situações de risco.

Sou também professora de Química do ensino médio em uma escola pública de Salvador (BA), que está localizada numa região central da capital baiana, em um bairro de classe média. Apesar de essa escola não ser de comunidade, e de seu público atual não ser do bairro, mas sim formado principalmente por adolescentes e

jovens de comunidades carentes próximas, por meio do comportamento e relatos de alguns deles é possível a compreensão de como a vida acontece em suas comunidades. São relatos cotidianos relacionados a questões sociais, familiares, de violência e ao contexto de vulnerabilidade, que é um fator relevante em muitas comunidades periféricas não apenas de Salvador, mas dos centros urbanos.

No entanto, minhas vivências em educação e prática cristã, com a observação de muitos alunos e alunas, que foram oriundos de realidades carentes e difíceis, mas que atualmente estão atuando profissionalmente nas mais diversas áreas, vivendo com dignidade, exercendo a sua cidadania e autonomia na sociedade, me impeliram a ser uma educadora que vislumbra um futuro melhor, compreendendo a educação como um meio de mudança e formação, que oferecerá condições para a concretização de sonhos e projetos de vida.

Inicialmente, a pesquisa busca a compreensão sobre as características da adolescência e dessa etapa da vida, onde a identidade está em formação, para o entendimento de quais fatores são considerados preponderantes na condução da juventude à situações de vulnerabilidade, destacando-se as problemáticas sociais, a violência nos centros urbanos, as crises familiares e as interações sociais estabelecidas.

Nesse contexto, a pesquisa se norteou conforme algumas reflexões: Como a educação em sua dimensão comunitária pode distanciar o adolescente de situações de vulnerabilidade, por meio do cuidado, espiritualidade, proteção e formação? Como o contexto e as relações sociais podem influenciar na formação de um adolescente? Como as células sociais, a família, a igreja, grupos de identificação e vivência comunitária podem ser relevantes nessa etapa da vida? Qual a proporção que o cuidado pode ter nessa formação? Quais metodologias e estratégias podem ser mediadoras?

O caminho metodológico da pesquisa é a revisão bibliográfica, onde serão utilizadas como referência produções textuais de alguns autores. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), compreende-se como adolescente a idade entre 12 e 18 anos.¹ Calligaris aborda a adolescência como uma formação

¹ BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

cultural, com suas características, construções, superações e desafios.² Entender o fenômeno da adolescência é um elemento primordial, que precede qualquer tipo de proposta metodológica, pois cada adolescente tem o seu contexto, mesmo estando inserido num movimento social maior.

Outro aspecto relevante da pesquisa é sobre a história social do adolescente. Como a família, a igreja e outros grupos de interação social podem influenciar no comportamento e como essas relações podem se configurar em fatores de educação, proteção e formação. Ariès traz uma abordagem histórica e comparativa com a contemporaneidade, especialmente nas relações familiares e como a educação e aprendizagem era vista ao longo da história.³

Para a abordagem da pesquisa sobre educação, pode-se ressaltar as bases legais, que garantem um direito à educação⁴ a cada criança e adolescente, por meio de documentos como a Constituição Federal, promulgada em 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que assegura o direito à educação “[...] visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho[...].”⁵ No entanto, discursar sobre educação comunitária é algo muito amplo, pois ela pode ser uma prática em ambientes não formais, como igrejas, projetos sociais, organizações não governamentais, mas também em ambientes formais, como escolas de comunidade. Nos ambientes não formais, apesar das parcerias existentes, não há uma responsabilidade do poder público. No entanto, há um movimento atual de educação comunitária, que será um dos objetos da pesquisa.

A Educação comunitária pode alavancar possibilidades metodológicas para o desenvolvimento de habilidades e constituição da dignidade para muitos adolescentes, configurando-se em uma das vertentes da educação popular na evolução da humanidade num sentido mais amplo. E esse é um papel social, que foi citado por Pimenta “[...] humanização dos homens, isto é, fazer dos seres humanos

² CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 56.

³ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 225.

⁴ Art. 205. BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 set 2024.

⁵ BRASIL, 1990, Art. 53º.

participantes dos frutos e da construção da civilização, dos progressos da civilização, resultado do trabalho dos homens”.⁶

Uma característica importante da educação comunitária abordada na pesquisa é o fato de não estar limitada ao ensino formal, mas se expande para o desenvolvimento humano, podendo ter a fé como um agente mediador dos valores espirituais, culturais e sociais. A educação integrada à fé pode envolver aspectos de acolhimento, escuta e cura, que são fundamentais para a formação de pessoas, mediante as situações difíceis.

O cuidado surge nas relações humanas e com o mundo, podendo desencadear ações intencionais num contexto de um adolescente, que ao mesmo tempo lhes proporcionarão um desenvolvimento emocional, espiritual, afetivo e social, também influenciarão em sua formação para vivências saudáveis e papéis sociais que assumirá no ambiente em que vive.

Para o entendimento de como essa perspectiva de educação deva acontecer, o cuidado torna-se um elemento constitutivo das relações humanas nos ambientes educacionais. Num mundo em crise, o cuidado é inerente ao ser humano e a sua existência permeia-se por ele. Em sua amplitude, cuidar do próximo, da natureza, é o reflexo da forma como o homem se vê e se relaciona com o ambiente. Leonardo Boff o define como algo ontológico e intrínseco ao ser humano.⁷ O adolescente precisa ser educado por meio do cuidado e para o cuidado. Martin Heidegger, o filósofo do cuidado por excelência, mostrou que “realidades tão fundamentais como o querer e o desejar se encontram enraizadas no cuidado essencial”.⁸

A educação para a formação humana tem múltiplas dimensões, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e espirituais, que são fundamentais para o desenvolvimento saudável. Os educadores são mediadores de valores, que contribuem para a aprendizagem de adolescentes e não estão limitados aos conteúdos didáticos. Rubem Alves abordou muito bem o gosto de ensinar como um

⁶ PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84.

⁷ BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 25 out. 2024. p. 28.

⁸ HEIDEGGER, M. **Ser e tempo, parte I**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 258.

dos pilares na formação.⁹ Paulo Freire também traz essa dimensão da educação, relacionando-a a um ato de amor.¹⁰

Esta pesquisa está estruturada em seis capítulos. O primeiro apresenta a introdução e a organização do estudo. O segundo examina a adolescência sob aspectos conceituais, históricos e sociais. O terceiro discute a educação comunitária e seus fundamentos. O quarto aborda a ética do cuidado e sua relação com a formação humana. O quinto capítulo propõe uma abordagem pedagógica na educação musical de jovens e adolescentes, enquanto o sexto apresenta as conclusões.

Ao longo deste estudo, buscamos compreender como a educação comunitária, mediada pelo cuidado e pela formação humana, pode impactar a vida dos e das adolescentes e suas relações cotidianas.

⁹ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus Editora, 2012. p. 10.

¹⁰ FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 59.

2 O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência sob um panorama fenomenológico é concebida como um acontecimento surpreendente da vida e transitório entre a infância e a juventude. Ela está caracterizada por descobertas e deslocamentos biopsicossociais. Para essa concepção é indispensável o seu reconhecimento como um fato importante no desenvolvimento humano, que pode ser definitivo para outras etapas futuras até a maturação humana.

Inicialmente, a epistemologia sobre a adolescência torna-se uma base para elencar os aspectos de formação da personalidade, da identidade e as interações sociais. É essencial essa compreensão sobre o que é a adolescência para o entendimento de como a sociedade e seus entes estão envolvidos nesta fase, bem como as práticas de cuidado e proteção. De outra forma, o adolescente pode estar inserido em um ambiente vulnerável que pode deformá-lo em seu desenvolvimento.

Dentre esses entes sociais, destaca-se a família. Quando uma criança nasce, suas primeiras interações acontecem no convívio familiar, onde são construídos os primeiros valores como fé, crenças, respeito e cooperação. Fowler relata que as primeiras experiências de fé e fidelidade começam com o nascimento.¹¹ O grau de acolhimento que os pais oferecem aos bebês desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico. Quando eles são recebidos com amor e segurança, isso contribuirá em suas primeiras percepções.

Outro aspecto fenomenológico é a formação da identidade. A sua construção perpassa por diversos fatores e serão consideradas, especialmente nessa abordagem, as interações sociais e a fé. Para a convivência em um mundo que está em uma dinâmica constante, o adolescente precisa ter a sua identidade consolidada e a convivência em ambientes comunitários como igreja, que propiciem uma construção saudável, é bastante relevante nesse processo.

No entanto, o contexto contemporâneo demonstra uma realidade visível e difícil de muitos adolescentes em situações de vulnerabilidade social, fato que pode influenciar na formação identitária. Torna-se necessário o entendimento de quais

¹¹ FOWLER, J. W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.** Trad. Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 25.

fatores os conduzem a essa realidade, bem como as práticas de cuidado e formação. Cabe ressaltar também, que todo adolescente necessita de proteção¹², o que está assegurado por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, e essa é uma responsabilidade do poder público e de toda a sociedade.

2.1 O QUE É ADOLESCÊNCIA?

A adolescência corresponde a uma época do desenvolvimento humano com mudanças gradativas e relevantes a nível físico, biológico, social e emocional. Elas se refletem nas relações do adolescente com o ambiente, sob o panorama da família moderna, da escola e da sociedade de forma geral, para seguir os valores sociais. Apesar de a pessoa adolescente estar fisicamente formada e mentalmente em amadurecimento, ainda não é reconhecida como uma pessoa adulta. Alguns comportamentos típicos da infância são deixados e começa a desenvolver habilidades para assumir papéis sociais na idade adulta. Nesse período, muitas mudanças estão acontecendo e estas podem desencadear conflitos tanto internos, quanto externos. Calligaris abordou essa transição entre infância e vida adulta e ponderou:

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto.¹³

“A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam”.¹⁴ Nessa afirmação de Calligaris, cabe ressaltar que esse prisma muitas vezes é idealizado pelas pessoas adultas, por suas próprias experiências, sem o entendimento de que cada época tem suas próprias peculiaridades.

Ao mesmo tempo em que a adolescência, segundo uma formulação das pessoas adultas, torna-se uma referência e modelo, também é vislumbrada como um parâmetro inacessível, pois os contextos são diferenciados e com novos reveses, que fazem com que essa etapa seja distinta para cada pessoa e para cada

¹² BRASIL, 1990, Art. 1º.

¹³ CALLIGARIS, 2000, p. 15.

¹⁴ CALLIGARIS, 2000, p. 9.

sociedade. Nesse sentido, Calligaris relatou o paradoxo existente entre o adolescente estar excluído de uma vida adulta, mas ao mesmo tempo sendo desafiado a viver e a representar os sonhos adultos, com a expectativa de ser bem sucedido ou não.¹⁵

Cabe ressaltar que o comportamento de pais e mães pode interferir no desenvolvimento de adolescentes. Muitos deles não estão preparados e preparadas para vivenciar o processo educativo e de crescimento de seus filhos e suas filhas para algumas responsabilidades e papéis sociais, tendo atitudes que os limitam como a superproteção, e que podem influenciar na formação de pessoas com comportamento de adolescente. Sayão e Aquino afirmaram que:

O uso abusivo das ações familiares, mormente relacionado à superproteção por parte dos pais, pode gerar dependência, sobretudo na infância e ao término da juventude. Os sintomas resultantes da superdosagem costumam ser reversíveis, se imediatamente acompanhados por ações que precipitem a responsabilidade e a liberdade rumo à vida adulta¹⁶

Outro aspecto relevante é a forma como os e as adolescentes se veem e a relação com as imagens construídas mediante alguns padrões estabelecidos pela sociedade. Por exemplo, as redes sociais trazem modelos de beleza e sucesso distanciados e estereotipados, mas que podem se transformar em uma referência de modo de vida e comportamento. Muitas dessas realidades referenciadas são inatingíveis e com isso surgem conflitos internos relacionados à imagem e à autoestima, que podem influenciar na formação da identidade.

Pode-se entender também que os conceitos sobre a adolescência e juventude são construções relacionadas a contextos históricos, sociais e culturais. A forma como esse período da vida é definido não é universal, mas moldada por fatores sociais e econômicos, que mudam ao longo do tempo.¹⁷ Dentre várias concepções sobre adolescência abordadas por Calligaris, destaca-se a sua visão como ideal cultural.¹⁸

¹⁵ CALLIGARIS, 2000, p. 57.

¹⁶ SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. **Família: modos de usar**. Campinas: Papyrus, 2006. p. 09.

¹⁷ FREITAS, Maria Virgínia de. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10.

¹⁸ CALLIGARIS, 2000, p. 56.

Segundo Bourdieu “a juventude e a velhice não são dadas, mas são construídas socialmente na luta entre jovens e velhos”¹⁹ (tradução nossa) é ressaltado esse processo social de compreensão da juventude e velhice como algo que não é imutável. As diferentes gerações, com suas concepções e valores, contribuem para a definição do que significa ser jovem ou velho em uma determinada sociedade. Assim, as expectativas e normas sociais podem variar bastante, influenciadas por atributos como classe social, etnia, cultura e localidade.

Em algumas culturas, a adolescência pode ser vista como um tempo de exploração e liberdade, enquanto em outras pode ser um período de responsabilidades precoces. Então, ela deve ser analisada não apenas como fase da vida, mas como uma categoria que reflete e influencia os parâmetros sociais e culturais em constante mudança e evolução.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, Jean Piaget denominou esse estágio que envolve a adolescência de operações formais, onde se inicia o raciocínio de forma mais abstrata, lógica e científica, formulando hipóteses, considerando-se várias alternativas no desenvolvimento do raciocínio crítico.²⁰

Esse processo de reflexão é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos e das adolescentes. Inicialmente, eles e elas tendem a explorar e questionar o mundo ao seu redor, usando suas próprias teorias e sistemas de pensamento para entender a realidade. Por isso essa fase é marcada por uma curiosidade intensa e por um desejo de experiências diferentes.

À medida que avançam, os e as adolescentes começam a perceber que a reflexão não se trata apenas de contradizer ou desafiar o que observam, mas sim de integrar e interpretar suas experiências. Esse movimento de reconciliação entre o pensamento abstrato e a realidade concreta permite que eles e elas desenvolvam uma compreensão mais rica e complexa do mundo, sendo fundamental na formação da identidade e autonomia. Esse exercício não é apenas a nível intelectual, pois possibilita uma visão mais profunda do mundo e também das interações sociais.

¹⁹ BORDIEU *apud* FREITAS, 2005, p. 10. **Original:** “la juventud y la vejez no están dada, sino que se construyen socialmente en la lucha entre jóvenes y viejos”.

²⁰ SILVA, Paulo Sérgio Modesto; VIANA, Meire Nunes; CARNEIRO, Stania Nágila Vasconcelos. O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget. **Psicologia PT o portal dos psicólogos**, v. 10, p. 3, Dez, 2011.

O raciocínio social se torna cada vez mais importante nesse período, pois os e as adolescentes aprendem a navegar nas dinâmicas sociais, aceitando ou desafiando normas e valores. Esse aprendizado é essencial para a construção de uma identidade moral e para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Nesse processo de interiorização e reflexão, pode acontecer um afastamento da família e a resistência aos conselhos das pessoas adultas, sendo interpretados como comportamentos antissociais, mas que fazem parte dessa busca por identidade e autonomia, onde se está começando a formar opiniões e a questionar normas sociais, o que é fundamental para o crescimento pessoal.

Com o tempo, o adolescente chega a um equilíbrio entre seu pensamento e a realidade, reconhecendo que a reflexão não é apenas um exercício intelectual, mas também um meio que pode guiá-lo e/ou guiá-la em suas ações. Essa compreensão permite que ele atue de forma mais consciente e intencional no mundo, promovendo uma participação no coletivo.

Outro aspecto vital para a formação da identidade e desenvolvimento moral dos e das jovens é o seu grupo de convivência mais próximo, a família.

2.2 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Em uma abordagem sobre adolescência é importante o entendimento da primeira célula social que o adolescente tem contato, a família. Desde o nascimento, ela é uma referência de valores e educação. Então, torna-se necessário compreendê-la, os seus desafios e conflitos. Sarti em suas reflexões salientou que:

Quando se fala em família, a associação imediata é com a idéia de algo entranhável, a que se está enlaçado, do que se é inseparável. Embaralham-se as imagens e confunde-se facilmente família com a “nossa” família, tão forte é a identificação da família com o que somos. Na família, criam-se, ou recriam-se através das gerações, os elementos que definem o “nós”.²¹

A noção de família transcende os laços biológicos, entrelaçando-se com a identidade e as narrativas construídas pela pessoa. Frequentemente ela é vislumbrada como um espaço de identificação, onde os valores, as crenças e as

²¹ SARTI, Cynthia A. Família e jovens no horizonte das ações. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 99-109, ago. 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2024. p. 100.

tradições são interiorizadas, reinterpretadas e assim transmitidas. É nesse ambiente que se constroem vivências e visões de mundo, formando o 'nós' e desempenhando um papel essencial na construção da identidade coletiva e individual.

É natural nesse processo, a projeção da família com a qual se tem identificação como um ideal, havendo um estranhamento em relação a si mesmo mediante outros pontos de vista. Então, ao deparar-se com outras famílias, projetando-se as próprias experiências e crenças relacionadas ao que foi interiorizado como um modelo, pode-se resultar em idealizações ou a não aceitação perante outras configurações familiares e das dinâmicas que cada uma apresenta. Concentrar-se apenas em sua própria vivência pode ser um ponto de vista etnocêntrico e nesse sentido a abordagem sobre família sempre causa um estranhamento.²²

No entanto, a família tem sido redefinida ao longo do tempo. Novos laços e formatos, como amizades profundas ou relações escolhidas, também podem se entrelaçar em sua concepção, ampliando o significado de "nós". Assim, a ideia de família se torna em um conjunto de experiências e vínculos estabelecidos nas relações, proporcionando um entendimento humano mais dinâmico, que é essencial para o desenvolvimento do indivíduo.

Pretende-se sugerir, assim, uma abordagem de família como um universo de relações, que se delimita pela história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família.²³

Sayão e Aquino na obra "Família, modos de usar", trazem em seu prólogo uma analogia entre aspectos formadores da família e uma "bula" de remédios. Dentre eles, estão os elementos de identificação, composição, âmbito de ação, prazo de validade, conservação, reações adversas, interrupção do convívio, superdosagem, interações, indicações, contraindicações, precauções e advertências.²⁴ No princípio a identificação traz um conceito mais amplo de família, que está além do parentesco sanguíneo, relacionando-se ao sentimento de

²² SARTI, Cynthia A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004. p. 115.

²³ SARTI, 2004, p. 117.

²⁴ SAYÃO, AQUINO, 2006, p. 7.

pertencimento. A leitura da “bula” por outro lado, fomenta a reflexão sobre vários aspectos referentes ao uso da expressão família na contemporaneidade e como cada formato pode trazer consequências para seus membros e para a sociedade. Sayão e Aquino destacaram:

Família é o conceito que designa o grupo de pessoas associadas por relações de consanguinidade ou aliança, as quais podem viver sob o mesmo teto, ou não. Trata-se tanto da sucessão de indivíduos vivos num determinado momento que mantêm entre si tais relações, quanto do conjunto de entes que têm uma ancestralidade comum, incluindo aqueles que a ela se agregaram, seja de modo perpétuo ou temporário. Mais recentemente, tem designado o grupo de parentes – sobretudo pai, mãe e filhos – constituído por laços de casamento e filiação ou, excepcionalmente, adoção. Em sentido genérico, refere-se à soma de pessoas unidas por características, convicções ou interesses semelhantes, o que acaba gerando, em cada um de seus integrantes, o sentimento de pertença àquele grupo exclusivo.²⁵

O conceito e a analogia propostos são relevantes também para o entendimento do comportamento de muitas famílias, que atualmente buscam manuais prontos como uma bula, para lidarem com os diversos conflitos oriundos da convivência familiar. No entanto, uma dinâmica familiar saudável, não é pela inexistência de conflitos, pois eles não são necessariamente prejudiciais. Em vez disso, uma estrutura salutar é encontrada por meio da capacidade de enfrentamento desses conflitos. Cabe ressaltar, que existem expressões de emoções, tanto negativas quanto positivas e é nessa tentativa de lidar com essas emoções, que o adolescente amadurece, constrói sua identidade e se desenvolve para a vida em sociedade.²⁶

O tema família tem sido um dos mais discutidos atualmente perpassando pelas mais diversas áreas. Assunto abordado nas mídias, nos múltiplos ambientes acadêmicos e também profissionais. No entanto, algumas temáticas ainda são bastante desafiadoras, como educação de filhos e filhas e as relações entre familiares.²⁷

Ao longo do tempo, o entendimento da formação da família vem mudando. Anteriormente, valorizava-se muito cada membro familiar, os valores, os costumes e

²⁵ SAYÃO, AQUINO, 2006, p. 7

²⁶ WAGNER, Adriana et al. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 12, p. 147-156, 1999.

²⁷ SAYÃO, AQUINO, 2006, p. 11.

cada família era vista como um clã, transmitindo seu legado às gerações futuras. O sobrenome tinha um certo peso e a caracterizava perante a sociedade.

Quer dizer, tínhamos aí uma tentativa de perpetuação da própria linhagem, fosse ela paterna ou materna. As relações se davam no intuito de gerar continuamente novos descendentes, de levar adiante o sobrenome, os costumes, enfim, os códigos de honra particulares daquele clã familiar.²⁸

Atualmente, as famílias estão mais reduzidas, focadas em outras situações cotidianas relacionadas a trabalho, finanças, vida social e a conflitos relacionais entre pais e filhos. Nesse sentido, as relações familiares tornaram-se mais difusas e a educação escolar tornou-se o centro.

Eu sempre me lembro disso quando ouço dizer que, hoje, os pais não têm tempo para os filhos. Na verdade, naquela época, os pais não dedicavam o seu tempo majoritariamente aos filhos, mas à família – o que é bem diferente. E essa dedicação familiar significava prover a família, manter atualizadas as relações e assegurar que todos estivessem caminhando na mesma direção, que tudo estivesse andando para frente, de acordo com os anseios que eles tinham como grupo, como clã.²⁹

O vínculo familiar anteriormente acompanhava as pessoas e grande parte da aprendizagem era orientada nessas relações construídas em família. Atualmente, os pais e as mães tentam assumir essa responsabilidade, mas com os inúmeros papéis sociais e a dinâmica da modernidade, pouco tempo se tem para isso e, muitas vezes, é nos grupos sociais que essa aprendizagem acontece.

Apesar das famílias serem menores, as relações entre seus membros são cada vez mais superficiais e complexas. Com o desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da comunicação, pessoas geograficamente distantes estão mais próximas e as que deveriam estar próximas, mais distantes. Uma cena muito comum atualmente nas reuniões são pessoas com seus celulares em mãos, ao invés de se relacionarem.

Por outro lado, percebe-se que muitas pessoas estão imersas no mercado de trabalho, buscando sucesso profissional e dispendo de pouco tempo para a convivência familiar. Como consequência, a educação das crianças e adolescentes é frequentemente delegada à escola, a outros familiares ou à profissionais do lar.

²⁸ SAYÃO, AQUINO, 2006, p. 13.

²⁹ SAYÃO, AQUINO, 2006, p. 13.

Anteriormente, mães e pais desempenhavam esse papel de presença e referência, mas a dinâmica da modernidade tem gerado desafios na convivência familiar.

Então, muitos pais e mães buscam suprir essa ausência por outros meios, como a superproteção ou o consumismo. A afeição e cumplicidade familiar, aspectos fundamentais para construções saudáveis, são negligenciados. Conseqüentemente, vem emergindo uma geração fragilizada e que muitas vezes tem dificuldades em assumir responsabilidades e papéis. Muitos filhos e muitas filhas permanecem na casa dos pais e das mães por mais tempo, o que é uma problemática, pois podem se tornar pessoas adultas, com uma postura de adolescente perante a vida.

Para as famílias das camadas populares a dinâmica é ainda mais complexa, pois há vivências cotidianas de problemáticas sociais, que interferem na organização familiar. Muitas crianças acabam assumindo atividades domésticas e de cuidado para com as outras, deslocando-se de etapas fundamentais do seu desenvolvimento.³⁰

As famílias das camadas populares posicionam-se de maneira distinta no processo de socialização de seus filhos, como a saída precoce das crianças e dos jovens para a rua, a inserção prematura no trabalho ou a pouca importância dada à escolarização, o que implica a ausência de um projeto a longo prazo.³¹

Nesse processo, há uma adultização precoce, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, onde há uma ausência ou fragilidade de estruturas de apoio e a família torna-se incapaz de prover o cuidado adequado. Muitas vezes, essa situação é vista pela sociedade como negligência, porém ela configura-se em uma estratégia de sobrevivência para essas famílias, mediante as condições de escassez de recursos.

Segundo Neves a “passagem prematura e relativamente direta da infância para o início da vida adulta ou de trabalhador exalta a perda de controle dos pais diante do comportamento dos filhos”.³² Essa passagem rápida da infância para uma

³⁰ ROCHA, Simone Rocha da. Possibilidades e limites no enfrentamento da vulnerabilidade social juvenil: a experiência do Programa Agente Jovem em Porto Alegre. 2007. 249 f. **Tese** (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 35.

³¹ ROCHA, 2007, p. 35.

³² NEVES, 1999 *apud* ROCHA, 2007, p. 36.

“vida adulta”, sem o acompanhamento dos pais, pode proporcionar um ambiente de desproteção para a criança e o e a adolescente, com consequências no desenvolvimento emocional, social e educacional, uma vez que, ao serem “adultizados e/ou adultizadas”, podem ter suas oportunidades de educação, lazer e proteção infantil comprometidas.

A compreensão sobre a família na contemporaneidade fomenta vários aspectos, que interferem na formação da identidade e podem fortalecer o adolescente para a vida social, especialmente em educação comunitária. Então, torna-se fundamental a reflexão mais profunda de como essa formação acontece.

2.3 A ADOLESCÊNCIA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

2.3.1 As Interações Sociais

A formação da identidade é um dos processos mais importantes da adolescência, onde há uma busca por independência. Essa busca, segundo Calligaris, é devido ao desejo que os e as adolescentes têm de se tornarem pessoas adultas.³³ Embora essa necessidade seja uma parte central desse processo, a adolescência também envolve o desenvolvimento emocional, social e intelectual, permitindo que os e as jovens aprendam a lidar com responsabilidades e relacionamentos de maneira mais madura.

Outra necessidade dos e das adolescentes é de conquistarem o seu espaço. No entanto, esse tem sido um processo complexo, pois no mundo atual não há mais lugares concretos e as referências tradicionais de pertencimento, como comunidades, grupos e famílias, estão se tornando menos definidas, devido a uma sociedade em constante transformação, onde a globalização, a tecnologia e a mobilidade social fazem com que os e as jovens se sintam deslocados e/ou deslocadas.

Então, os e as adolescentes podem enfrentar a dificuldade de encontrar um “lugar” que ofereça segurança e identidade. As relações são mais fluidas, e as identidades são muitas vezes moldadas por interações virtuais, o que pode levar a uma sensação de incerteza. Assim, a busca por um espaço onde se sintam

³³ CALLIGARIS, 2000, p. 31.

reconhecidos e/ou reconhecidas e aceitos e/ou aceitas se torna uma tarefa desafiadora e, muitas vezes, repleta de frustrações.

Num real onde não há mais lugares concretos, definir/conquistar/marcas um lugar revela-se uma tarefa por demais árdua, e o instrumento que se mostra mais eficiente para alguns é o viver ostensivamente no sentido de cumprir uma demanda dos adultos.³⁴

Segundo Silva, a resposta social em busca de autoafirmação e validação pode vir por meio de comportamentos ostensivos. Essa necessidade de reconhecimento proporciona uma luta interna, onde a autenticidade se mistura com a pressão social.³⁵

Por outro lado, há uma dinâmica entre essa dificuldade de encontrar um espaço pessoal, em meio às normas e padrões muitas vezes rígidos. Então, a adolescência pode ser vista não apenas como uma fase de transição, mas como um campo de batalha entre a conformidade e a busca por uma identidade própria, onde o desafio é equilibrar a aceitação social com a autoafirmação.

Sabemos todos, na própria pele – e na de nossos filhos –, como é difícil a adolescência. Cobranças fuzilam de todos os lados: porque não se é mais criança; porque ainda não se é adulto. As auto-imagens vacilam, tremem, sem nitidez, mergulham na fantasia temerária, recuam encharcadas de medo e insegurança, diluem-se na imaterialidade de quase tudo.³⁶

Pode-se considerar também que a adolescência é uma fase repleta de desafios e contradições. As cobranças externas e autocobranças causam uma pressão, bem como conflitos internos e a insegurança. Nessa etapa, os e as adolescentes enfrentam as expectativas externas que, muitas vezes, não refletem suas verdadeiras identidades e desejos. Essa oscilação entre a infância e a vida adulta pode levar a questionamentos constantes sobre quem são e quem querem ser.

Nesse processo, autoimagens são construídas, mas que estão em constante mudança, pois podem ser um reflexo das expectativas sociais, levando muitos e muitas a se sentirem deslocados e/ou deslocadas. Porém, a luta por aceitação, tanto

³⁴ SILVA, Valéria. Artigo: Constituição identitária juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez. **Política & Sociedade**, v. 5, n. 8, p. 123-158, 2006. p. 131.

³⁵ CALLIGARIS, 2000, p.59.

³⁶ NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 137.

em grupos de amigos quanto em casa, pode se intensificar e fazer com que a pessoa adolescente se sinta fragilizada diante das interações sociais estabelecidas.

Há mais um aspecto extremamente interessante: ninguém cria sozinho ou escolhe para si uma identidade como se tirasse uma camisa do varal. Não é algo que se vista e leve para casa. Não se porta ou carrega uma identidade, como se faria com uma carteira, um vestido ou um terno. A identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros.³⁷

Na construção da identidade, os e as adolescentes sentem essa necessidade de se verem segundo o olhar das outras pessoas e do grupo social de que participam. Então, é fundamental a construção de relacionamentos saudáveis nos diversos grupos de convivência, onde começam a refletir sobre si mesmos e sobre o seu lugar na sociedade, explorando tanto a identidade individual quanto a coletiva. Esse processo é fundamental para a formação de relações interpessoais, já que envolve a compreensão dos próprios sentimentos, valores e crenças.

Para apoiar os e as jovens nesse processo são fundamentais ambientes que proporcionem apoio psicológico, espiritual e atividades que promovam a expressão criativa. Esses espaços proporcionam proteção, pois os e as jovens podem explorar suas emoções, e ser acolhidos e acolhidas em sua subjetividade para, assim, construir uma identidade autêntica. Winnicott afirmou que “não existe o ser humano sem o outro; o ser humano acontece no mundo”.³⁸

Nesse sentido, a igreja, a escola e outros espaços de socialização surgem em muitas comunidades como espaços de subjetivação por meio do acolhimento e reciprocidade nos relacionamentos. Desta forma, a identidade jovem é constituída numa dimensão humana e espiritual. As construções de fé surgirão nesses espaços como um elo integrador da pessoa com a outra pessoa e com Deus.

2.3.2 Fé e Identidade

Inicialmente, ao ser feita uma abordagem sobre fé e identidade, é fundamental o entendimento sobre o que vem a ser fé e a sua importância na formação humana, visto que, a cada etapa da vida, novas experiências são

³⁷ NOVAES, VANUCHI, 2004, p. 137.

³⁸ WINNICOTT *apud* SAFRA, Gilberto. A fragmentação do *éthos* no mundo contemporâneo. In: NOE, Sidnei (Org.). **Espiritualidade e Saúde**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 7.

vivenciadas influenciando no padrão de crenças e de confiança que cada pessoa constrói. Fraas³⁹ traz uma concepção de fé como algo que não pode ser ensinado, pois tem origem no relacionamento do ser humano com Deus e é construída no cotidiano de cada pessoa à medida que se desenvolve em vários aspectos comportamentais. Ele ressaltou que:

[...] “ação salvífica de Deus e [...] obra do Espírito Santo não pode ser ensinada”. Ela surge da relação entre Deus e o ser humano, e se concretiza no viver diário, por meio de “mudanças de comportamento em termos pragmáticos, afetivos e cognitivos. [...] Não é a fé que se desenvolve, mas sim a pessoa crente em suas formas de vida, em seus modos de expressão, em sua capacidade ideativa, etc.⁴⁰

A relação entre fé e a formação da identidade pode ser abordada tanto do ponto de vista filosófico, psicológico, sociológico e/ou teológico. A fé, como uma experiência ou crença, tem um papel relevante na formação da identidade pessoal e coletiva, influenciando a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo. Paul Tillich traz uma abordagem teológica significativa a respeito da fé.

Certamente há fé na elevação da alma acima do finito, para o infinito, tendendo a sua união com a base do ser. Porém mais do que isto está incluído no conceito de fé. E há fé no encontro com o Deus pessoal. Porém ainda mais do que isto está incluído no conceito de fé. Fé é o estado de ser apoderado pela potência do ser-em-si. A coragem de ser é uma expressão de fé e o que a “fé” significa deve ser entendido através da coragem de ser. Definimos coragem como a auto-afirmação do ser a despeito do não-ser. A potência desta auto-afirmação é a potência do ser que é efetivo em cada ato de coragem. Fé é a experiência desta potência.⁴¹

Essa abordagem reconhece que há fé quando o ser humano eleva a sua alma a Deus, mas esta fé não está limitada, relacionando-se com a coragem e indo além das manifestações religiosas. A fé é uma experiência mais profunda da essência do ser, que se manifesta de forma existencial na vivência humana. É a autoafirmação do ser diante do nada, da negação ou da ausência de sentido que pode marcar a existência humana. Em vez de ser um ato de simples resistência ou de luta contra o mal, a coragem de ser é a decisão ativa de afirmar a própria

³⁹ FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 45-47.

⁴⁰ FRAAS, 1997, p. 45-47.

⁴¹ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p. 130.

existência, mesmo diante do caos. O Apóstolo Paulo, na carta aos Hebreus⁴² traz essa abordagem: “[...] a fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá a convicção de coisas que não vemos” (Hb 11.1).

A fé, portanto, se define pela capacidade de viver de maneira plena, afirmativa e autêntica. A coragem de ser é a expressão dessa potência fundamental, que reside no ser humano e na sua capacidade de se afirmar em face da adversidade. É um movimento para além da negação, uma ousadia em afirmar a vida, em abraçar a própria existência, apesar da finitude e da incerteza que ela carrega.

Fowler em sua obra “Estágios da Fé” retrata as experiências do autor em relação à fé. Inicialmente, ele traz a reflexão sobre os significados da vida e sua finitude. Ao refletir sobre a fé humana é possível à compreensão de como a vida se sustenta e quais são os valores que trazem significado como crenças e experiências pessoais.⁴³

Na formação de jovens, especialmente em situação de vulnerabilidade, os valores da tradição religiosa desempenham um papel crucial na formação da identidade, oferecendo-lhes um sentido de pertencimento e propósito. Ao mesmo tempo, a religião pode ser um ponto de referência para a construção da identidade pessoal e social, ajudando a entender a natureza do ser, as relações interpessoais e o papel da pessoa na comunidade e no mundo. Fowler destacou que a “fé é o modo pelo qual a pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados”.⁴⁴

Apesar da relevância das tradições religiosas, Fowler relata que a fé não está relacionada apenas à religião, pois ao longo do desenvolvimento humano, desde o nascimento até a vida adulta, é peculiar a busca por algo que o sustente, independente de uma fé religiosa. A perspectiva de fé, religião e crença, segundo o cientista das religiões Wilfred C. Smith⁴⁵, como tradições cumulativas baseadas nas experiências de pessoas do passado e transmitidas a outras gerações por meio da escrita, que perpetua e desperta a fé. Nesse sentido, a fé é nutrida e a religião tem

⁴² As citações Bíblicas seguirão a versão: BIBLIA SAGRADA: Nova Versão Transformadora. Trad. N. B. Pereira. **Revista Encontros Teológicos**, [S. l.], v. 32, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1930/HEB.11.1.NVT>. Acesso em: 19 nov. 2024.

⁴³ FOWLER, 1992, p. 9.

⁴⁴ FOWLER, 1992, p. 15.

⁴⁵ SMITH *abud* FOWLER, 1992, p. 20.

essa reciprocidade. As tradições religiosas emergem ao longo do tempo nesse processo formativo das religiões, porém a crença se fundamenta nas tradições e se relaciona com a fé, sendo esta mais profunda, pois vai além dessas tradições, envolvendo a experiência pessoal.

Sobre fé e relacionamento, tem-se a ideia da fé como uma ação, um verbo, necessitando de alguém ou algo em que ela se fundamente. Então, a fé tem essa capacidade de fazer com que a pessoa se relacione com Deus, com outras pessoas, devendo ser colocada em prática nas situações cotidianas, inclusive com os fenômenos da natureza. A Bíblia Sagrada traz inúmeras referências relacionadas à fé. Dentre elas, o livro de Tiago, no capítulo 2, versículo 17, que relaciona a fé com as obras e ações práticas em prol de outras pessoas. Essa fé colocada em ação é relacional. “Como veem, a fé por si mesma, a menos que produza boas obras, está morta” (Tg 2. 17).

As construções de fé se iniciam na infância no primeiro contato que a criança tem com as pessoas que cuidarão dela e, mesmo sem a maturação necessária para a compreensão do processo, elementos que serão constitutivos da identidade estão sendo experimentados por meio dessas primeiras interações. Valores como lealdade, confiabilidade e uma estrutura de sentido começam a se formar.⁴⁶

A relação entre fé e imaginação⁴⁷ oferece o entendimento de como a fé pode ser formadora e moldar a vida humana de maneira transcendente, além da materialidade, operando a partir de imagens que não são palpáveis, mas que têm um impacto profundo no cotidiano e no ser de uma pessoa em cada ciclo da vida. As imagens interiores que são criadas formam sua identidade e orientam sua maneira de agir no mundo. Por exemplo, a imagem de Jesus como o Bom Pastor ou a imagem de Deus como Pai Amoroso não são apenas representações mentais, mas também modelos formadores que impactam o comportamento, a ética e as decisões, pois valores e atitudes que fortalecem a prática de fé são interiorizados.

Na adolescência, onde as relações sociais se ampliam, a identidade e a fé pessoal podem ser desenvolvidas. Segundo Fowler, os e as adolescentes querem

⁴⁶ FOWLER, 1992, p. 25.

⁴⁷ FOWLER, 1992, p. 32.

“um Deus que conheça, aceite e confirme profundamente o próprio eu”.⁴⁸ A formação da identidade nesse sentido da reafirmação do ser, por meio da espiritualidade e fé, fortalece o e a jovem em circunstâncias desfavoráveis. Porém, para a compreensão desse processo, que terá a educação comunitária como uma referência, é importante o conhecimento sobre as problemáticas existentes nas regiões periféricas.

2.4 A VULNERABILIDADE SOCIAL DE ADOLESCENTES NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS BRASILEIRAS

As comunidades desassistidas, com escassez de recursos, investimento público, aliados a fatores como a desigualdade social, a falta de uma vivência e acompanhamento familiar, podem se configurar em ambientes propícios para a violência e a delinquência juvenil. As iniquidades sociais constituem-se nos principais fatores de vulnerabilidade social em que se encontram pessoas e grupos em determinados territórios das cidades brasileiras.⁴⁹

O mecanismo de vulnerabilização social para a pessoa adolescente é evidenciado de diversas formas, especialmente quando há restrições ao acesso a bens materiais, simbólicos e culturais, como a falta de acesso à uma educação de qualidade, serviços de saúde, moradia digna e oportunidades de emprego, além da exclusão de espaços culturais e sociais que promovem a integração e a cidadania.

O dado apresentado por um estudo da Unicef realizado em fevereiro de 2023, salienta um contexto preocupante no Brasil, onde mais de 60% da população com até 17 anos vive em condições de pobreza.⁵⁰ Essa situação abrange além da privação econômica, se relacionado profundamente com a falta de acesso a esses direitos fundamentais, comprometendo o desenvolvimento e o futuro digno de crianças e adolescentes.

⁴⁸ FOWLER, 1992, p. 132.

⁴⁹ SOUZA, Larissa Barros de; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; FIORATI, Regina Célia. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Educacional**, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1812>. Acesso em: 27 out. 2024. p. 252.

⁵⁰ UNICEF. **As múltiplas dimensões da pobreza na infância e na adolescência no Brasil**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 28 out. 2024.

Acrescentando-se que as consequências desse processo podem interferir na formação da autoestima e identidade, bem como nas relações sociais que os e as adolescentes estabelecem. A marginalização pode ter um efeito de um ciclo de vulnerabilidade que se perpetua nas comunidades e nas gerações futuras, atravancando a inclusão social.

Por outro lado, a vulnerabilização pode desencadear situações de violência, discriminação, estigmatização e exclusão, bem como a perpetuação da desigualdade. Safra destacou que comportamentos violentos podem ser oriundos em situações de sofrimento psíquico e dentre elas, destacou a humilhação relacionada à exclusão social, em que a pessoa por não ter acesso a um campo social, geralmente é visto pelas classes dominantes como “inferior e desprezível”.⁵¹

Novaes ressaltou uma realidade alarmante no Brasil, onde a violência e a vitimização letal atingem desproporcionalmente os jovens homens, especialmente os pobres e negros. A menção ao déficit de jovens homens na população é um indicativo de que as mortes violentas estão gerando consequências demográficas graves, semelhantes às de um contexto de guerra. Esse fenômeno demanda uma reflexão profunda sobre as causas estruturais da violência e a necessidade de políticas públicas eficazes que abordem essas desigualdades. É um cenário que clama por ações urgentes e por um comprometimento da sociedade em buscar soluções.

Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a vida o preço de nossa insensatez coletiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um déficit de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um déficit que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as consequências típicas de uma guerra.⁵²

Por outro lado, a sociedade, de forma geral, precisa romper paradigmas de preconceitos e estigmas relacionados à percepção sobre os jovens. Compreender suas realidades, considerando-se suas experiências, desafios e potencialidades. Por meio de ambientes educativos, onde se fomenta o diálogo e a escuta, as vozes dos e das jovens podem ser ouvidas e valorizadas. Assim, é possível elaborar propostas

⁵¹ SAFRA, Gilberto. A fragmentação do *éthos* no mundo contemporâneo. **Espiritualidade e Saúde**, v. 2, 2004. p. 11.

⁵² NOVAES; VANUCHI, 2004, p. 130.

que não apenas atendam às suas necessidades, mas que os e as integrem à sociedade de forma plena.⁵³ Nesse sentido, os ambientes de educação comunitária tornam-se espaços de acolhimento.

Soares corroborou que preconceitos e estigmas têm um impacto devastador na vida de uma pessoa jovem, pois reduzem a sua individualidade, criam um rótulo que anula a sua identidade e dignidade, construindo-se uma imagem caricata, que não a representa, tornando-a invisível perante a sociedade.⁵⁴ O preconceito também reflete a fragilidade e os ‘medos’ de quem o perpetua. Essa “invisibilidade” gera um ciclo vicioso em que a pessoa estigmatizada é constantemente desumanizada.

A metáfora do vampiro é especialmente pertinente: assim como a criatura suga a vitalidade de sua vítima, o preconceito consome a identidade e a dignidade da outra pessoa, tornando-a uma sombra do que realmente é. As marcas que o preconceito deixa podem ser profundas, afetando a autoestima, a saúde mental e as relações sociais.⁵⁵

A indiferença também contribui para a invisibilidade social. Quando a realidade das pessoas em situação de vulnerabilidade é ignorada, a sua marginalização e desumanização são acentuadas. Por meio da invisibilidade e negligência cria-se um ciclo de exclusão social, onde os jovens, especialmente os negros e de baixa renda, não são vistos pela sociedade.⁵⁶

Essa indiferença não é apenas no âmbito individual, mas também estrutural. As políticas públicas frequentemente falham em atender às necessidades dessas populações, e a falta de representação nos espaços de decisão agrava ainda mais essa invisibilidade. Para reverter esse quadro, é fundamental fomentar ações, que não apenas reconheçam a existência desses e dessas jovens, mas também promovam a sua inclusão, acolhimento na sua individualidade, para a sua formação humana.

O fato é que há indiferença, e ela, assim como o preconceito, encobre, sob um manto imperceptível, meninos e meninas pobres, especialmente negros.

⁵³ NOVAES, VANUCHI, 2004, p. 132.

⁵⁴ SOARES *apud* NOVAES; VANUCHI, 2004, p. 133.

⁵⁵ SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e violência no Brasil contemporâneo**. 2004. p. 2. Disponível em: https://www.academia.edu/34674917/Juventude_e_Viol%C3%Aancia_no_Brasil_Contempor%C3%A2neo_1. Acesso em: 15 out. 2024.

⁵⁶ NOVAES, VANUCHI, 2004, p. 133.

Indiferença gera invisibilidade. Resultado: jovens transitam invisíveis pelas grandes cidades. O que significa para um adolescente esse desaparecimento, esse não-reconhecimento, essa recusa de acolhimento por parte de quem olha e não vê?⁵⁷

É essencial reconhecer que as instituições, como escolas, igrejas, dentre outras, desempenham um papel crucial nesses contextos de vulnerabilidade. Em muitas comunidades, pode-se perceber a presença da igreja trazendo visibilidade a muitas pessoas adolescentes e jovens. Além de suporte social, e de permitir que essas pessoas jovens possam acessar algumas estruturas sociais, a fé e a religião torna-se um meio para a compreensão mais profunda da pessoa sobre si mesma e seu papel na comunidade.

Muitas tradições religiosas, incluindo o cristianismo, empenham-se na construção de uma sociedade mais justa por meio do cuidado comunitário. Dorothee Sölle em suas concepções teológicas relacionadas às questões políticas e sociais, aborda essa dimensão política e social da fé. Schönardie e Ulrich ao abordarem sobre Sölle, afirmam que as

[...] suas palavras representam um desafio, um convite para a atuação social. Perceber e ouvir o “grito silencioso” dos oprimidos e excluídos em nosso mundo, significa tornar-se um/a com eles/as. Ela praticava uma teologia em que, por um lado, via a origem da fé no engajamento político e por outro lado, tinha neste engajamento político a base para a sua vida. Ela organizava sua ação cotidiana, a partir das necessidades políticas dos excluídos sociais.⁵⁸

A teologia política de Sölle traz essa perspectiva para a religião de fazer ouvir a voz das pessoas, das excluídas sociais. Nesse sentido, a igreja pode ser esse espaço de acolhimento para a pessoa adolescente, retirando-a da invisibilidade social e conferindo-lhe a dignidade como pessoa.

⁵⁷ NOVAES, VANUCHI, 2004, p.136.

⁵⁸ SÖLLE *apud* SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; ULRICH, Claudete Beise. Aspectos da Teologia Política, Mística e Feminista de Dorothee Sölle: relações com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Educação Popular. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 01, p. 80-97, 2020. p. 83.

2.5 SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO

O capítulo proporcionou uma abordagem inicial sobre a adolescência, como uma fase de transição crucial na vida humana marcada por intensas transformações. Nesse período, os e as jovens começam a construir sua identidade, enfrentando questões relacionadas à autonomia, pertencimento e autoconhecimento. A busca por uma identidade própria inclui valores, crenças e escolhas de vida, sendo um dos principais desafios dessa etapa. Inicialmente, foi feita uma abordagem conceitual sobre a família, as perspectivas sociais e culturais para a compreensão das diversas formatações e a sua relevância como célula primordial na formação e solidificação de vínculos e valores na vida da pessoa adolescente.

Na formação da identidade, além da vivência familiar e interações sociais, ressaltou-se a vivência comunitária, por meio de ambientes de formação, que desenvolvam a fé como um elo na construção da identidade. Para muitos e muitas adolescentes, ela é um meio de autoconhecimento, de acolhimento do ser em sua subjetividade, conferindo-lhes um senso de propósito e esperança, além de ser uma forma de lidar com incertezas e crises existenciais, contribuindo para o desenvolvimento de uma visão de mundo mais ampla e resiliente.

No entanto, a adolescência também é uma fase em que a vulnerabilidade social pode ter um impacto significativo. Jovens em contextos de desigualdade social enfrentam desafios adicionais, como acesso limitado à educação de qualidade, violência, discriminação e invisibilidade. Esses fatores podem afetar diretamente a sua autoestima e formação da identidade. A vulnerabilidade social pode aumentar a exposição ao risco de envolvimento com atividades ilícitas, violência e problemas de saúde mental.

Nesse sentido, a importância de acolhimento, tanto em um nível pessoal quanto social, para a formação da identidade humana. A ideia central é que, para que a identidade de uma pessoa se constitua de forma plena, ela precisa ser acolhida em sua subjetividade. Esse acolhimento não se limita a uma dimensão individual, mas também se dá em espaços coletivos, como igrejas, escolas e outros ambientes de socialização, que são descritos como lugares de “subjetivação”, onde as pessoas podem se perceber e se transformar. Nesse sentido, as interações sociais também contribuem nessa formação identitária.

Pode-se afirmar que a adolescência, quando marcada pela vulnerabilidade social, exige uma abordagem integrada que leve em consideração às necessidades emocionais, sociais e espirituais desses e dessas jovens. A fé pode ser um meio, na educação comunitária, de reafirmação da identidade, conduzindo à resiliência.

3 A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

A Educação comunitária surge como uma vertente importante da educação, visto que atualmente vem crescendo exponencialmente um movimento de educação nas comunidades. Em todo o Brasil têm acontecido iniciativas de ensino em projetos sociais, associações comunitárias, ONGs, igrejas, além das escolas de comunidade, o que tem fomentado uma série de reflexões referentes ao impacto que a educação comunitária tem em muitos desses ambientes.

Cabe ressaltar, que ao se propor uma abordagem sobre a educação comunitária, é imprescindível a compreensão conceitual sobre essa vertente educacional, bem como os seus fundamentos e implicações na formação do ser humano, especialmente em se tratando da adolescência, que é uma fase importante da vida humana.

3.1 CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

A educação comunitária é um processo educativo que se origina nas diversas comunidades, compreendendo as características, necessidades e potencialidades de cada localidade, na formação e no desenvolvimento de seus membros. Esse tipo de educação pode acontecer em ambientes formais localizados nas comunidades, mas também não formais, valorizando a troca de saberes, as experiências e propiciando um ambiente de aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, Nico ressaltou:

Processo educativo e cultural, territorial, social e politicamente, situado, com dimensão holística, vital e intergeracional e concretizado em todos os contextos de educação, que – valorizando e gerindo, cooperada, participada e solidariamente, os recursos endógenos da comunidade e considerando todos os seus saberes e didáticas – contribui para o exercício dos direitos e deveres de cidadania e promove o desenvolvimento.⁵⁹

Esse processo é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e participativa, integrando as dimensões educativas, espirituais, sociais e políticas, tornando-se um instrumento importante para a emancipação das comunidades. Nessa abordagem, as comunidades valorizam seus saberes e

⁵⁹ NICO, Bravo. **Educação Comunitária**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2020. p. 82.

recursos endógenos, promovendo um aprendizado que respeita as especificidades e contexto local.

Esse modelo de educação é intergeracional, pois possibilita a troca de experiências entre os membros da comunidade de diversas faixas etárias, enriquecendo o conhecimento coletivo e proporcionando a formação humana em sua dimensão ontológica, do ser que se desenvolve na sua essência espiritual, para assim participar e cooperar tanto no desenvolvimento de outras pessoas, como na sustentabilidade das comunidades.

Em suma, a educação comunitária se origina no contexto de cada comunidade, atuando como um agente transformador e potencializador dos saberes locais, promovendo um desenvolvimento que é inclusivo e solidário.⁶⁰

3.2 FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS E TEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

Inicialmente, ao se fazer uma abordagem sobre educação comunitária e a sua relevância na formação de adolescentes, é importante se construir uma base conceitual em torno dela, bem como seus fundamentos e pressupostos. A educação comunitária desempenha um papel fundamental no fortalecimento da cidadania, podendo ser uma prática tanto no contexto da escola formal quanto na educação não formal. Ela proporciona o desenvolvimento dos indivíduos para a participação ativa em sua comunidade.⁶¹

Cabe ressaltar, que essa dualidade da educação comunitária, sendo uma prática tanto formal como não formal, não é vista como uma exclusão. Uma prática não extingue a outra, mas ambas se complementam por meio de suas particularidades e interconexões.⁶² A escola, enquanto instituição formal, pode abranger práticas da educação não formal, por meio de métodos e conteúdos que refletem a realidade da comunidade, contextualizando a aprendizagem e tornando o conteúdo escolar mais relevante para o estudante. As iniciativas educativas não formais podem corresponder às necessidades e interesses da comunidade,

⁶⁰ NICO, 2020, p. 82.

⁶¹ FERNANDES, Mônica Abranches. Democratizando as relações pela conquista da cidadania: o trabalho da educação comunitária. *Paidéia*, 2022. p. 126.

⁶² FERNANDES, 2022, p. 125.

valorizando a experiência, o conhecimento local e um aprendizado que é tanto prático quanto significativo.

Por meio dessa especificidade de atuação da educação comunitária, o contexto de vulnerabilidade social enfrentado por muitos adolescentes nas diversas comunidades brasileiras, pode ser uma realidade em transformação através de uma educação que permeia a participação social.

Gutiérrez (1988) afirma que: a participação, quando existe de fato, é necessariamente educativa. Em outras palavras, a participação educa, porquanto propicia níveis cada vez mais elevados de consciência e organicidade. Na medida em que produz essa participação cons. Ciente [*sic*] e orgânica do grupo comunitário, dar-se-ão ações concretas [*sic*] de transformação social, e, dessa maneira, consegue-se influir, direta ou indiretamente, na transformação da realidade.⁶³

A responsabilidade social é um fundamento da educação comunitária e há um potencial de formação humana por meio do fazer cotidiano, onde os ambientes de educação tornam-se espaços para a promoção social nas mais diversas áreas, como: cultural, política, educativa, etc. Para isso, a articulação educacional entre formal e não formal fortalece a capacidade de se aprender e atuar coletivamente, criando um campo educativo mais amplo e inclusivo, que proporcionará o desenvolvimento de comunidades mais coesas e participativas.

[...] tomar o equipamento físico do aparelho escolar [...] como local onde as pessoas se identifiquem com o seu ser social associativa-, através da discussão para busca de solução colaborativa de problemas comuns a todos. Através de uma associação que naturalmente se instale, deve-se buscar o exercício da solidariedade e explicitar o senso de responsabilidade social da organização, inclusive na administração e governo da escola.⁶⁴

Outro princípio necessário na educação comunitária é a valorização do contexto e dos saberes cotidianos. Integrar os saberes das comunidades, especialmente das classes populares, torna o processo educativo mais relevante. Problemáticas sociais enfrentadas pelas comunidades podem ser objeto de estudo, discussão e intervenção nos espaços de educação. Como exemplo, questões ambientais ou relacionadas à desigualdade social, podem oportunizar um aprendizado crítico, indo de encontro a uma visão tradicional de que a educação

⁶³ GUTIÉRREZ, 1988 *apud* FERNANDES, 2022, p. 128.

⁶⁴ ARAPIRACA, 1987 *apud* FERNANDES, 2022, p. 124.

deve ser desprovida de contextos sociais e políticos, reconhecendo o conhecimento cotidiano e sua relação com os conteúdos. Paulo Freire escreveu sobre:

[...] o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?⁶⁵

A formulação de reflexões referentes a questões sociais em áreas menos favorecidas, evidencia a necessidade de uma abordagem educacional que não apenas informe, mas também estimule os e as estudantes a questionarem e agirem em situações de injustiça em suas comunidades. Esse processo é essencial para a formação de cidadãos conscientes. No âmbito teológico, destaca-se a teologia política e libertadora de Dorothee Sölle, que trouxe uma dimensão mais ampla do processo, a educação popular, visto que a educação comunitária é uma de suas vertentes.

Sölle é reconhecida mundialmente como uma das mais destacadas e ao mesmo tempo controversas teólogas protestantes, podendo-se afirmar, ser ela representante de um outro protestantismo, em que, com seus textos teológicos e poesias procura ligar a perspectiva teológica ao cotidiano, às experiências de vida, e de forma especial à luta contra o sofrimento, a pobreza, a discriminação, a opressão. A sua teologia atenta sempre de novo aos gritos e clamores dos sofridos e das injustiças em nosso mundo, que também são os gritos e as dores de Deus.⁶⁶

Nesse trecho compartilhado, destaca-se essa interconexão entre teologia e a prática da educação popular como um processo de libertação. Ele evidencia que a educação, dentro desse contexto, não é apenas um meio de transmissão de conhecimentos, mas uma ferramenta fundamental de transformação social e resistência.

A partir da perspectiva de teólogos e teólogas como Sölle, a educação popular é vista como uma metodologia formadora, reconhecendo e valorizando o

⁶⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 15.

⁶⁶ SCHÖNARDIE; ULRICH, 2020, p. 87.

protagonismo histórico das pessoas. No entanto, este protagonismo não surge de maneira espontânea, mas é fruto de um processo educativo que visa à conscientização política e a preparar as pessoas para a ação transformadora.

A interseção com a teologia crítica e libertadora de Sölle vê na fé e na mística uma base para ações transformadoras. Para ela, o processo de libertação é inseparável da vivência do Evangelho, ou seja, da proclamação da vida e da luta pela justiça. Dessa forma, a educação popular e a teologia política compartilham de uma mesma missão: a de libertar as pessoas oprimidas e promover um novo modelo de sociedade, mais justa e igualitária.

A concepção pedagógica popular, com sua sensibilidade aos contextos políticos, sociais e culturais, está profundamente atrelada a uma intencionalidade política emancipadora. Este compromisso com a transformação social tem consonância com as ideias de Paulo Freire, que norteiam para uma expressão clara de como a educação pode ser uma prática de resistência e um instrumento de construção da liberdade.

Uma análise sobre as concepções pedagógicas da educação deve proporcionar o entendimento da complexidade do processo, em virtude das inúmeras vertentes existentes⁶⁷, caracterizando-as também como um ato político. Freire trouxe essa compreensão da indissociabilidade entre educação e política.⁶⁸ Não há neutralidade nas correntes educativas, pois suas concepções são ideológicas, refletindo a sociedade, o contexto histórico, cultural, bem como sua finalidade e a quem se destina. Cada prática educativa traz uma perspectiva, sendo fundamental situá-las politicamente.

Cabe ressaltar que os referenciais pedagógicos e críticos da educação comunitária tem esse caráter político, distanciando-se das pedagogias científicas, que, apesar de trazerem um caráter de neutralidade, em sua prática não são, pois estão alavancadas em interesses hegemônicos, que são políticos.⁶⁹ A educação comunitária emerge como uma ação emancipatória, pois está relacionada à

⁶⁷ GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. **IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico**. Brasília, v.18, n.1, p. 10-32, dez, 2012. p. 10.

⁶⁸ FREIRE, Paulo. A EDUCAÇÃO é um ato político. **Cadernos de Ciência**, Brasília, n. 24, p. 21-22, jul./ago./set. 1991. p. 20. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1357>. Acesso em: 25 out. 2024.

⁶⁹ GADOTTI, 2012, p. 10.

educação popular, reconhecendo os territórios e as realidades das comunidades, proporcionando a conscientização, formação cidadã e a transformação social.

Ao contrário, as pedagogias críticas têm todo interesse em declarar seus princípios e valores, não escondendo a politicidade da educação. É o que acontece com a educação popular, a educação social e a educação comunitária. Elas se situam no mesmo campo de significação pedagógica, o campo democrático e popular. Contudo, apesar desta afinidade ideológica, como são educações históricas, elas também podem ter conotações diferentes. E isso não se constituiu em deficiência, mas em riqueza. Um mosaico de experiências, teorias e práticas compõem esse campo.⁷⁰

A pedagogia crítica reforça essa politicidade da educação, devido ao seu processo de construção democrática e popular, sendo diversa quanto a pluralidade de experiências e práticas existentes. A transparência dos princípios e valores, bem como suas ações sociais e comunitárias, embora compartilhem uma base comum, refletem realidades e contextos históricos distintos, o que enriquece o campo pedagógico.

Essa variedade de experiências, teorias e práticas não apenas amplia o alcance da prática educativa, mas também proporciona um espaço para a construção coletiva de saberes, onde diferentes contextos podem ser observados e valorizados. O diálogo entre essas diferentes abordagens e metodologias podem fomentar propostas relacionadas às necessidades das comunidades.

Nico apontou uma série de valores estruturantes da educação comunitária, que estão relacionados a três áreas importantes. Valores concernentes ao indivíduo e suas relações interpessoais, ressaltando a “solidariedade, convivialidade, partilha e cooperação” ou atitudinais como “autonomia, participação, esperança, ânimo e felicidade”; valores relacionados ao ato de aprender e aos ambientes de aprendizagem, destacando a “multiplicidade, a globalidade e singularidade” e que a aprendizagem consolida a formação da cidadania, salientando os valores “democracia, justiça, igualdade de oportunidades, solidariedade e liberdade”. Por fim, afirmou os valores que orientam para o âmbito comunitário “[...] protagonismo e liderança dos processos (subsidiariedade) e nas consequências positivas desta modalidade de educação nesses contextos locais (desenvolvimento)”.⁷¹

⁷⁰ GADOTTI, 2012, p. 10.

⁷¹ NICO, 2020, p. 40.

Mediante as perspectivas pedagógicas e teológicas apresentadas, destaca-se o papel das instituições que atuam em educação comunitária, especialmente a igreja, já que a sua presença é unânime nas regiões periféricas. A igreja, como um ambiente que proporciona a formação do ser, mediada pela fé, com um papel relevante nas comunidades, sendo um espaço mediador da transformação social.

3.3 O PROCESSO EDUCATIVO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS, ESPIRITUAIS E AFETIVAS

Em educação comunitária, o processo educativo deve ser compreendido em suas múltiplas possibilidades de alcance, destacando-se as implicações sociais, espirituais e afetivas do ato de ensinar. Inicialmente, esse estudo trará a compreensão de como o ensino era realizado ao longo da história e que influências tais práticas exerciam na formação de crianças e adolescentes, estabelecendo-se um paralelo com a contemporaneidade.

Durante a idade média era comum às famílias enviarem crianças entre sete e nove anos para servirem em outras famílias e aprenderem um ofício ou simplesmente o serviço da mesa, permanecendo até os quatorze ou dezoito anos. As crianças eram confiadas a mestres e a aprendizagem era restrita ao serviço doméstico.⁷² A escola era destinada apenas aos clérigos, que eram confiados como aprendizes a outros clérigos que deveriam servir. Algum ensino de habilidades técnicas também era possível, no entanto a base de toda a educação era a participação familiar das crianças na vida das pessoas adultas.⁷³

A partir do século XV, transformações aconteceram, no que diz respeito à atitude da família para com a criança, e a educação passou a ser mais fornecida por meio da escola. A escola era um espaço de iniciação social, de passagem do estágio da infância para o estágio adulto, mas também tinha um rigor moral, no sentido de manter as crianças na inocência, isolando-as do “mundo sujo”, mantendo-as mais próximas da família.⁷⁴

No século XVII, surge a ideia de envio para a escola apenas por um período de tempo. Nas famílias mais ricas, os preceptores assumiram também o papel de

⁷² ARIÈS, 1981, p. 226.

⁷³ ARIÈS, 1981, p. 229.

⁷⁴ ARIÈS, 1981, p. 231.

acompanhar e supervisionar o estudo das crianças.⁷⁵ Houve um estreitamento dos laços afetivos entre a criança e a família e Ariès faz uma analogia como se a dinâmica da família moderna iniciasse com o surgimento da escola.

Com a modernidade, houve uma expansão e consolidação da instituição escolar e também do seu papel diante de uma sociedade, que cada vez mais está se modificando. Estabelecendo um paralelo entre a contemporaneidade e a época medieval, percebe-se que a lógica de envio das crianças a um ambiente de educação permanece, porém a escola assume outros papéis que no passado eram das famílias.

No entanto, a problemática atual da educação formal, relacionada ao investimento público e a ausência ou ineficácia de políticas públicas que priorizem a educação como um meio de transformação social, tem proporcionado o surgimento de outras instituições com essa finalidade de educação, especialmente em comunidades mais carentes.

Bendrath em sua tese analisou alguns países, no que se refere à educação formal e seus sistemas oficiais, destacando que esses sistemas não conseguem abordar de maneira eficaz temas essenciais que são parte do cotidiano dos e das estudantes. Segundo ele, a responsabilidade de preencher essas lacunas e corrigir essas discrepâncias recai sobre outros mecanismos educacionais, como a educação não formal e informal.⁷⁶ Esses fatores trazem o entendimento sobre o avanço da educação, por meio de instituições sociais.

Esse panorama histórico realizado sobre a educação de crianças e adolescentes, desde a familiar, o surgimento das escolas e a tendência de educação não formal da atualidade, favoreceu o entendimento de como os processos educativos amadureceram para um alcance na subjetividade e em temas intrínsecos à natureza humana, como foi bem reiterado por Gadotti: “Na realidade, a educação é necessária para a construção do ser humano, permitindo-lhe o acesso à cultura que a humanidade já produziu. Educar é, neste sentido, aproximar o ser humano da sua própria humanidade”.⁷⁷

⁷⁵ ARIÈS, 1981, p. 232.

⁷⁶ BENDRATH, Eduard Angelo. **A Educação Não-Formal a partir dos relatórios da UNESCO**. 2014. p. 156.

⁷⁷ GADOTTI, 2006, *apud* NICO, 2020, p. 7.

Rubem Alves, por meio da sua visão teológica e filosófica trouxe uma percepção sobre a educação e o impacto real que um professor pode ter na vida de seus e suas estudantes. Ao mencionar que “não me dizem se são gaiolas ou asas”, aponta para a diferença entre um ambiente educacional que limita e um que liberta. As estatísticas podem mostrar números, mas não capturam a essência do aprendizado e da transformação que ocorre quando o ensino é inspirador e efetivo.⁷⁸

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.⁷⁹

Nietzsche fomentou outro aspecto importante da educação que é ensinar a ver. A relação entre a educação e o olhar remete à essência do aprendizado como uma experiência estética, afetiva e não apenas utilitária. Quando ele diz que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver, se refere à capacidade de percepção e observação do mundo de uma maneira diferenciada, o que está além do conhecimento pragmático, que apenas busca respostas imediatas.⁸⁰

Roland Barthes utiliza a metáfora de “maternagem” aplicada ao papel do professor, sugerindo que deve adotar uma postura afetiva e acolhedora, tal como uma “mãe”, no processo de ensino. O ato de ensinar então, não se dá apenas por meio de instrução técnica, mas também por uma leitura que ele chamou de afetuosa, de cuidado, oferecendo o conhecimento de forma que a criança se sinta segura, amada e convidada a explorar.⁸¹

Rubem Alves ressaltou que as escolas precisam cumprir a missão de fomentar nos estudantes o desejo e o prazer da leitura. Para ele, quem gosta de ler tem um contato com o mundo. No entanto, ressaltou que na prática, o que se vê é o contrário nos espaços escolares.⁸²

Nos espaços de educação comunitária, o ensino e aprendizagem podem ser concebidos na medida que conexões sócio-afetivas são feitas entre educadores, educadoras e os e as estudantes. Essas interações proporcionam um impacto no

⁷⁸ ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2012. p. 32.

⁷⁹ ALVES, 2012, p. 29.

⁸⁰ NIETZSCHE *apud* ALVES, 2012, p. 35.

⁸¹ BARTHES *apud* ALVES, 2012, p. 42.

⁸² ALVES, 2012, p. 49.

processo de aprendizagem, o que é fundamental num contexto de adolescência, quando a auto-estima e a insegurança é uma realidade.

Rubem Alves também salientou sobre a importância e proporção que um simples “gesto” pode ter em um ambiente escolar. Seja uma simples movimentação da cabeça ou um sinal de aprovação e respeito, podem se caracterizar em atos de confiança que interferem de forma profunda em um momento de vulnerabilidade.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim [...]. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu.⁸³

Pode-se destacar que enquanto para o professor o gesto pode ser uma ação trivial, para o estudante foi um momento em que se sentiu apreciado em sua singularidade, transcendendo uma simples resposta positiva a um trabalho, estabelecendo um vínculo e reconhecimento intrínseco do seu valor como pessoa, algo que, naquele momento, possivelmente ele não pudesse ver. Esse tipo de validação num ambiente educativo é o que os e as estudantes precisam para transpor a dúvida e a insegurança, que são características importantes na adolescência.

Os e as adolescentes necessitam desse tipo de acolhimento e dessa dimensão subjetiva do processo educativo, onde o gesto, o olhar, a afetividade e o prazer estão relacionados à formação humana com dimensões espirituais. Aliada a esses fatores, a educação comunitária, em igrejas e em espaços com esse alcance na espiritualidade, proporciona a construção da fé, por meio de um duplo acolhimento: o acolhimento por Deus e por seu amor e o acolhimento da comunidade. Safra ressaltou que: “[...] a origem da subjetividade humana se dá

⁸³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 19.

nesse registro das trocas sensoriais que alcançam o registro de códigos significantes [...].”⁸⁴

O alcance desse acolhimento favorece a elaboração de uma memória afetiva, que transpõe o ambiente escolar, acompanhando o estudante para a sua vida. Por mais discretas que pareçam, as atitudes podem ter uma longevidade que transcende o próprio momento e as circunstâncias em que aconteceram, causando um impacto duradouro para o adolescente na construção da autoestima e confiança. Nesse sentido, o cuidado emerge como um elemento ético que fundamenta essa perspectiva de formação.

3.4 SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO

A educação comunitária foi abordada no terceiro capítulo como uma vertente da educação popular e um processo que ocorre dentro de um contexto coletivo, visando o desenvolvimento de habilidades, valores e competências para uma formação humana. Tem como base a responsabilidade social e práticas de ensino, que valorizam os saberes e o contexto dos membros da comunidade. Como fundamentos, ressaltou-se a teologia política e libertadora de Dorothee Sölle, as dimensões políticas da educação na abordagem de Paulo Freire e no campo pedagógico, a pedagogia histórico-crítica.

Quanto ao processo educativo, o capítulo trouxe uma perspectiva de ensino atrelando fé e espiritualidade. Inicialmente, foram abordados alguns aspectos sobre o ensino ao longo da história, a sua relação familiar, até a compreensão do surgimento da escola e na contemporaneidade, o avanço da educação por meio dos ambientes não formais, destacando a igreja nesse processo. Algumas concepções teológicas e pedagógicas referentes a essa dimensão educativa para a formação humana foram abordadas, por meio de estudos de Rubem Alves, Nietzsche, Barthes e Safra, na compreensão da subjetividade humana envolvida no processo de ensino e aprendizagem.

A fé e a espiritualidade, por sua vez, podem influenciar profundamente na visão do e da adolescente sobre si, compreendendo-se que o ser humano se constrói por meio do acolhimento e nesse sentido o acolhimento duplo, no âmbito

⁸⁴ SAFRA, 2004, p. 8.

espiritual, em relação a Deus e no âmbito social, nas relações com outras pessoas. Nesse sentido, a educação comunitária proporcionará esperança e resiliência, aspectos que são especialmente importantes nas comunidades em situações de vulnerabilidade social.

O papel da Igreja nas comunidades é significativo, pois muitas vezes ela se torna um espaço de educação com esse viés da espiritualidade, que influenciará na vida em comunidade e no enfrentamento das desigualdades sociais. Mediante essa perspectiva abordada, o cuidado surge como um elo importante para a educação comunitária, tornando-se necessário uma abordagem sobre ele.

4 PRESSUPOSTOS DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO

Para a abordagem sobre a educação comunitária por meio do cuidado, torna-se necessário a compreensão sobre o seu referencial ético, que foi predito por Heidegger e Boff, dentre outros. Tem-se como ponto de partida a sua relação com a formação humana, para a compreensão desse “ser” em construção, que se relaciona em todo o tempo com o outro e com o mundo, mas também em sua estruturação a nível ontológico para a emergência de um novo *ethos*, mais humano, espiritual e compassivo.

Ao mesmo tempo, que o ser humano é educado pelo cuidado, o princípio ético o conduzirá a uma formação para o cuidado, o cuidar de si próprio, das pessoas e do ambiente. O surgimento desse novo *ethos* proporcionará um reposicionamento ideológico e espiritual em relação ao mundo, que vem se degradando devido à própria ação humana.

Nesse mecanismo construtivo de um novo *ethos*, outros princípios estão envolvidos e dentre eles, a ética da responsabilidade, que tornou o filósofo alemão Hans Jonas conhecido por sua obra. A responsabilidade será a base para a consciência humana que se forma em meio às crises enfrentadas pela humanidade, destacando-se a ambiental e nos relacionamentos humanos.

Então, ao se fazer uma abordagem sobre o cuidado na educação, não são apenas os aspectos individuais que devem ser contemplados, mas uma visão mais profunda do humano, que envolve os elementos intrínsecos e a sua relação com o contexto. Torna-se fundamental esse pensamento para uma educação comunitária, que proporcione uma responsabilidade ética e social.

4.1 A ÉTICA DO CUIDADO E A FORMAÇÃO HUMANA

Para Heidegger “o cuidado é o solo em que se move toda a interpretação do ser humano, fundamento para qualquer interpretação do humano.”⁸⁵

A Ética do cuidado configura-se como uma vertente filosófica e teológica, que busca compreender o ser humano, o que está intrínseco em sua natureza, interferindo nas interações humanas e no ambiente. O cuidado se relaciona com a

⁸⁵ HEIDEGGER, 1999 *apud* NÖRNBERG, 2009, p. 17.

capacidade de se arrojarem em prol do outro e de suas necessidades. Segundo NÖRNBERG o ato de se “lançar” designa características do ser que se dedica em prol de outros.

O termo cuidado é entendido como o próprio ser da existência na sua capacidade de projetar-se a si mesmo e de poder-ser. Ou seja, justamente por estar-lançado, o seu exercício acontece através dos movimentos e projetos que se fazem no cotidiano da vida e das instituições. Palavras como precaução, diligência, carinho, zelo, responsabilidade, servem como descrição adjetivada para uma compreensão ôntica do termo. O termo dedicação lembra a qualidade de quem se dedica com abnegação, renunciando aos seus próprios interesses, inclusive os egoísticos. Um ser dedicado é aquele que denota uma afeição profunda pelo ente focado e se reconhece dependente e pertencente ao outro. A partir do cuidado, é possível aproximar-se de uma compreensão acerca do modo como se organiza e vive o ser humano.⁸⁶

A relação entre cuidado e educação de adolescentes nessa abordagem ontológica orienta para uma formação ética, afetiva e espiritual. O cuidado vai além da superficialidade nas relações humanas, estabelecendo-se uma aproximação com o outro, seu modo de viver e compreender o mundo, valorizando a dignidade humana. “A ética do cuidado está na tensão educar-assistir, onde educar é cuidar e assistir é cuidar.”⁸⁷

Nesse sentido, cuidar não significa apenas atender às necessidades cognitivas dos e das adolescentes, mas também às emocionais, espirituais, sociais e culturais. O conceito de cuidado diz respeito a uma atitude ética e relacional, que envolve uma postura de desvelo e solicitude, estando além de uma atitude assistencial. É um modo de ser onde a pessoa sai de si mesma para centrar-se no outro, oferecendo atenção, zelo e dedicação.⁸⁸

Boff aborda que o uso da expressão “cura d’almas” nas línguas latinas está relacionado ao papel do sacerdote ou pastor, como um acompanhamento orientado para a espiritualidade das pessoas.⁸⁹ Esse tipo de cuidado não é mecanicista, mas relacional, envolvendo uma atenção e dedicação na espiritualidade do outro. A diligência com que essa tarefa é realizada está associada ao “fino trato” (refinado, sensível). Nessa ótica, entende-se que o cuidado pode ser uma atitude de atenção,

⁸⁶ NÖRNBERG, Marta. A Ética do Cuidado numa Instituição de Educação de Crianças e Jovens no Meio Popular. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v. 11, n. 19-20, 2009. p. 18.

⁸⁷ NÖRNBERG, 2009, p. 24.

⁸⁸ BOOF, 2005, p. 29.

⁸⁹ BOOF, 2005, p. 29.

respeito e paciência em relação ao outro, bem como pode originar-se na afetividade estabelecida nas relações.

Em educação, o cuidado pode se caracterizar, dessa maneira, como uma atitude de desvelo e atenção. O ambiente de educação pode se constituir nesse espaço, onde essa “cura” acontece. Pode-se estabelecer uma analogia entre o papel do educador e um sacerdócio exercendo um tipo de “cura”, ao zelar das mentes e corações dos seus alunos, ajudando-os em seu crescimento e no desenvolvimento de suas habilidades para uma trajetória ética e humana. No entanto, tal como a atitude sacerdotal, esse processo requer sensibilidade, paciência e atenção em relação ao outro e à sua realidade de vida.

Pode-se afirmar que o cuidado envolve uma dedicação genuína ao bem-estar do outro, um compromisso de acompanhar e apoiar o processo de crescimento e de desenvolvimento. É uma prática ética e humana essencial para a construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e digna.⁹⁰

Os dois significados básicos que colhemos da filologia de cuidado nos confirmam a idéia de que ele é mais que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo-de-ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo junto com os outros. Melhor ainda: é uma forma de ser-no-mundo e, a partir daí, de relacionar-se com as demais coisas.⁹¹

Boff trouxe concepções elementares sobre o cuidado, mais adiante de ser uma ação ou uma virtude. Constitui-se em um “modo-de-ser”, uma forma de ser, de se realizar e se estruturar no mundo. O cuidado como um processo interno, existencial, evidenciado não apenas em comportamentos ocasionais, mas como um elemento permeador das relações estabelecidas pelo ser com tudo o que o cerca. Nesse sentido, o cuidado é uma expressão do ser humano.

Nessa abordagem teológica e filosófica, pode-se destacar também a obra de Paul Tillich. Ele tem uma compreensão sobre cuidado e sua centralidade na condição humana, integrada à ontologia existencial. Nesse sentido, o cuidado não é evidenciado apenas em ações ocasionais, mas uma condição ontológica, que está

⁹⁰ COTTA, Denis; CAMPOS, Fabiano Victor. O cultivo da sabedoria interior: o encontro entre a espiritualidade humanista e a educação nos escritos de Erich Fromm. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 87–116, 2022. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2145>. Acesso em: 6 nov. 2024.

⁹¹ BOFF, 2005, p. 30.

imersa na própria estrutura do ser humano, sendo algo essencial porque permite que as pessoas se conectem com elas mesmas, com as outras pessoas e com o mundo ao seu redor. O cuidado proporciona uma superação da alienação, que é vista como uma das maiores distorções da existência humana.⁹²

Para Tillich, a alienação não se refere apenas a uma sensação de isolamento social ou psicológico, mas a uma fragmentação profunda da própria unidade do ser, onde a pessoa se vê separada dos aspectos fundamentais de sua própria existência e de sua relação com o mundo. O cuidado tem potencialidades para a unificação e restauração, contribuindo na integridade da experiência humana, trazendo uma sensação de coerência, propósito e sentido.

Essa visão do cuidado como algo essencial para a existência humana também se conecta com outras dimensões da teologia e da filosofia, incluindo a justiça social. Se o cuidado é central para a integridade do ser humano, então negar o cuidado as outras pessoas, seja por meio da opressão, da desigualdade ou da indiferença, é uma forma de alienação social e moral. Por isso, uma teologia que reconhece o cuidado como ontológico, também se compromete com a luta contra as formas de alienação social como a pobreza, o racismo e as estruturas de poder que fragmentam a pessoa.

Schönardie e Ulrich citando a teóloga alemã Dorothee Sölle e a sua concepção sobre a teologia e a justiça social: “A sua teologia atenta sempre de novo aos gritos e clamores dos sofridos e das injustiças em nosso mundo, que também são os gritos e as dores de Deus.”⁹³

Tillich relaciona a perspectiva ontológica do cuidado ao amor em sua natureza, retratando-o como um poder fundamental e constitutivo da vida humana e da realidade. Em suas palavras, a separação é um estado ilusório ou não original, uma vez que a unidade precede a separação. O amor, então, seria o poder que reconcilia e restabelece essa unidade perdida.

A vida é o ser de fato e o amor é o poder propulsor da vida. Nessas duas sentenças a natureza ontológica de amor está expressa. Elas dizem que o ser não é genuíno sem o amor que conduz tudo que existe para tudo mais que existe. Na experiência de amor do homem, a natureza da vida

⁹² TILLICH, P. **A Era Protestante**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Ciências da Religião, 1992. p. 26.

⁹³ SÖLLE *apud* SCHÖNARDIE, ULRICH, 2020, p. 87.

torna-se manifesta. Amor é unir o que está separado. A reunião pressupõe separação daquilo que estava essencialmente junto. Deveria, portanto, ser errado dar à separação a mesma máxima ontológica que à reunião. [...] O amor não pode ser descrito como a união do estranho, mas como a reunião do separado. Separação pressupõe unidade original. O amor manifesta seu grandioso poder ali onde ele supera a grandiosa separação. E a grandiosa separação é a separação do eu de si mesmo.⁹⁴

Tillich sugere que a separação do “eu” de si mesmo é a maior das rupturas e o amor nessa perspectiva ontológica visa superar essa separação, trazendo o ser humano de volta à sua unidade original. Isso implica dizer que a separação não é um estado ontológico definitivo ou absoluto, mas algo que existe apenas na aparência ou na experiência fragmentada. O amor, portanto, não é simplesmente a união de dois estranhos, mas a reunificação de algo que esteve uma vez unido e que, por alguma razão, se viu apartado.

Amor não é mera emoção, mas poder ontológico, a própria essência da vida, a reunião dinâmica dos separados. Quando o amor for entendido dessa maneira, haverá de ser o princípio básico de qualquer ética social protestante, capaz de unir o elemento eterno com o dinâmico, o poder com a justiça, e a criatividade com a forma.⁹⁵

Assim, o amor não é apenas uma emoção ou uma afeição, mas uma força ontológica que revela a natureza essencial da realidade e do ser. Ele não apenas busca unir, mas também revela a unidade fundamental que sustenta tudo o que existe. A separação do “eu” de si mesmo, faz referência à alienação existencial, à perda de contato com a totalidade do ser e à sensação de fragmentação que caracteriza a experiência humana.

Ainda nessa perspectiva teológica sobre o cuidado, Sölle uniu os elementos religião, justiça social e luta pela paz em uma compreensão do cristianismo que não se limita a práticas devocionais, tendo o cuidado como um compromisso ativo com o bem-estar dos outros e com a transformação das estruturas sociais.

E é isto que Sölle percebe pela palavra do Evangelho, por isso pode-se afirmar que sua interpretação pela ação, pela tomada de posição, é libertadora e emancipadora. Portanto, o Evangelho proclamado necessita

⁹⁴ TILLICH, P. **Amor, Poder e Justiça**: Análises ontológicas e aplicações éticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2004. p. 35.

⁹⁵ TILLICH, 1992, p. 26.

tornar-se ação de cuidado da terra e das pessoas que nela vivem e trabalham.⁹⁶

A ideia de cuidado como parte central do compromisso cristão, se torna assim, uma forma de resistência contra a injustiça, que busca criar alternativas aos modelos presentes nas estruturas sociais e políticas. Esse tipo de teologia pode ser especialmente relevante em contextos de pobreza e vulnerabilidade social, onde o cristianismo é reinterpretado não apenas como uma crença ou moral privada, mas como uma força transformadora capaz de desafiar e mudar realidades sociais. O cuidado, nesse sentido, é uma prática que visa restaurar a dignidade das pessoas, especialmente as mais vulneráveis, e promover a justiça social.

O cuidado “funda um novo *ethos*, no sentido originário da palavra na filosofia grega: a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza.”⁹⁷ Esse novo *ethos* traz uma perspectiva de educação por meio do cuidado e para o cuidado. O cuidado nas relações com as pessoas e com o ambiente, do qual se é parte. Então, torna-se fundamental o entendimento desse novo *ethos* e da maneira que isso interferirá em uma nova visão de educação.

4.2 O SURGIMENTO DE UM NOVO ETHOS

A humanidade alcançou um determinado momento da história, em que houve avanços nas mais diversas áreas. Com a revolução científica, que se iniciou no século XVII e a tecnológica no século XXI, mudanças importantes influenciaram todo um modo de vida do ser humano, os seus relacionamentos e as práticas educativas.

No entanto, apesar de todo esse desenvolvimento, por outro lado é evidenciada uma das maiores crises enfrentadas pela humanidade, em que os princípios da vida humana têm sido ameaçados. Essa conjuntura é evidenciada por meio de consequências nas esferas ambientais, sociais, relacionais, dentre outras. Leonardo Boff ressaltou três crises importantes que o mundo vem enfrentando, a social, do sistema de trabalho e a ecológica, destacando a necessidade de emergir

⁹⁶ SCHÖNARDIE, ULRICH, 2020, p. 93.

⁹⁷ BOFF, 2005, p. 29.

uma ética mundial.⁹⁸ Toda a mudança proporcionada nos meios de produção, com os avanços tecnológicos, causaram um grande aumento da riqueza mundial. Porém a má distribuição dessas riquezas tem aumentado os níveis de pobreza e de pessoas à margem da sociedade e em situação de vulnerabilidade social.

As nações mais ricas são detentoras dos meios de produção científicos e tecnológicos, bem como do domínio político e econômico. Enquanto uns vivem em uma melhor condição, usufruindo de todos os aparatos que advêm desse desenvolvimento, outros tornam-se meros consumidores, com péssimas condições de vida, aumentando as estatísticas relacionadas à pobreza e vulnerabilidade. A juventude vem sendo vitimada por essa crise social que emergiu mundialmente.⁹⁹

A crise no sistema de trabalho aumenta cada vez mais o número de pessoas excluídas, pois muitas delas são substituídas pelos sistemas automatizados. Por outro lado, uma nova sociedade pode emergir, a do ócio, que passará a existir sob uma nova perspectiva criativa da atividade humana. Será uma mudança de paradigma em relação a forma que o trabalho é visto. A transposição da ideia de um meio de salário para a sua natureza original.¹⁰⁰

É pelo trabalho que faz tudo isso. Por ele constrói o seu *habitat*. Adapta o meio ao seu desejo e conforme seu desejo ao meio. Pelo trabalho ele prolonga a evolução e introduz realidades que, possivelmente, a evolução jamais iria produzir, como um castelo, uma cidade, uma máquina, uma rede de comunicação. Pelo trabalho, ele co-pilota o processo evolutivo que se faz, então, co-evolutivo, vale dizer, a natureza e as sociedades humanas com suas organizações, sistemas, máquinas e cidades entram em simbiose e co-evoluem juntas.¹⁰¹

Boff salientou o trabalho como algo intrínseco ao ser humano, devido a sua personalidade criativa, intervindo na natureza, buscando conhecê-la, suas leis e também buscando nela meios para a sua sobrevivência. Essa inerência do trabalho a própria humanidade, denominou de “modo-de-ser pelo trabalho”. No entanto, trabalho e cuidado devem se complementar, pois são constituintes da essência humana.

⁹⁸ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000. p. 13.

⁹⁹ BOFF, 2000, p. 14.

¹⁰⁰ BOFF, 2000, p. 15.

¹⁰¹ BOFF, 2005, p. 30.

Essa crise do trabalho pode estar relacionada à ditadura do modo-de-ser trabalho. Nesse sentido, ele perde a sua real natureza e passa a ser visto como um mecanismo para o capital, onde homens e mulheres agora se prendem a essa estrutura, por meio do salário, dentro da dinâmica capitalista, centrado no confronto entre o capital e o trabalho e suas implicações, perdendo-se a visão do ser humano como ser relacional, criativo, espiritualizado e cuidador do outro e da natureza. O planeta sofre, pois a produtividade capitalista, que envolve o trabalho, interveio na sustentabilidade quebrando o equilíbrio físico, químico e biológico, criando espaço para uma outra crise, a ecológica.

A crise ecológica por sua vez é evidenciada pelas atividades humanas inconsequentes, que provocam danos à biosfera e a todos os seus elementos, como as águas, o ar, os ecossistemas e os seres vivos de forma geral.¹⁰² A sustentabilidade do planeta está em risco e faz-se necessária a mudança do comportamento humano, compreendendo-se a responsabilidade em cuidar do ambiente e do ser humano, que é parte dele.

Nesse sentido, emerge a construção de um novo *ethos*, compreendido como um conjunto de concepções que ajustam o comportamento e as relações das pessoas com a sociedade e como o ambiente, não se limitando a um campo específico, mas se aplicando às diversas esferas da existência humana e também transcendendo-a por meio da relação com Deus.

Por *ethos* entendemos o conjunto das inspirações, dos valores, dos princípios que orientarão as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendente da existência: Deus.¹⁰³

O *ethos* alavanca concepções a respeito de como o ser humano se relaciona com o ambiente natural, com valores de respeito, preservação e vivência em equilíbrio, de como interage socialmente, por meio de princípios de justiça, igualdade e alteridade, e como se relaciona com Deus. A alteridade tem conformidade com a maneira de se perceber o que é diferente no outro e como lidar com essas

¹⁰² BOFF, 2000, p. 16.

¹⁰³ BOFF, 2000, p. 20.

diferenças. Um novo *ethos* é dialógico e intercultural, compreendendo a diversidade epistemológica na compreensão do mundo.¹⁰⁴

O *ethos* torna-se necessário na conjuntura atual, pois traz formulações para a consciência e reflexão a respeito de uma ética pessoal e global, onde as pessoas reconhecem seus próprios valores, responsabilidades e propósitos, que influenciarão em seus posicionamentos perante o seu contexto pessoal e o mundo.

Boff também proporciona o entendimento que o *ethos* transcende a dimensão material da existência humana, proporcionando um novo sentido, que é a relação com Deus. O reconhecimento de um princípio superior e uma espiritualidade que orienta as pessoas em direção a um propósito maior. Nesse caso, a relação com Deus pode ser central para a construção de um *ethos* ético e de compaixão, que ultrapassa o materialismo, os interesses imediatos na busca de um ideal, que é um bem universal.

Em termos, o nosso tema de um *ethos* mundial significa, holisticamente: poder identificar por trás das muitas morais históricas, seja do passado, seja do presente, o mesmo *ethos*, aquela intenção originária de organizar a casa humana, aquela boa-vontade que Kant colocava como pré-condição para qualquer discurso ético e como o único valor sem ruga nem mácula, boa-vontade que instaurou (bem ou mal) normas, leis e ordenações, visando ao "viver feliz" e "ao bem com-viver".¹⁰⁵

Então, o *ethos* permeia uma evolução no pensamento humano, que influenciará em suas ações abrangendo tanto a ética prática, quanto o que está sendo interiorizado, como os princípios e valores fundamentais que sustentam essas ações, especialmente em educação, na construção de responsabilidades para com o ambiente, com as pessoas e com Deus, na perspectiva de um *ethos* mais compassivo.

4.3 O CUIDADO E A FORMAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

O cuidado para um alcance da responsabilidade social em educação comunitária ultrapassa as limitações meramente conceituais abrangendo outros aspectos, como a formação da identidade, da cidadania, da espiritualidade na consciência de si próprio e do ambiente. Devido a transitoriedade do mundo em que

¹⁰⁴ SOARES *apud* NOVAES; VANUCHI, 2004, p. 133.

¹⁰⁵ BOFF, 2000, p. 124.

se vive, a ética da responsabilidade e do cuidado surgem como alternativas relevantes na construção de um mundo melhor, onde o cuidar das gerações presentes é algo fundamental. Zancanaro salientou a afirmação de Jonas: “Diante da vulnerabilidade, a única saída é o cuidado, a responsabilidade. Ao cuidarmos das gerações presentes, também estaremos cuidando das futuras.”¹⁰⁶

O ser humano é dotado de uma capacidade e autonomia para a tomada de decisões, o que é relevante em uma sociedade cada vez mais desenvolvida tecnologicamente. Um desenvolvimento científico sustentável pode ser alcançado, se a ética estiver aliada a essa habilidade humana de ação. Zancanaro corrobora que Jonas não é contrário à ética e ao desenvolvimento científico, mas que a ética precisa preceder a ciência, antes que o planeta sofra em virtude dos avanços tecnológicos desenfreados.¹⁰⁷

Para Jonas a questão está no fato de que a ética tradicional apenas se preocupou com o que era momentâneo, no sentido dos atos morais, mas não fomentou reflexões acerca das consequências futuras relacionadas às ações humanas. O ser humano melhorou suas condições de sobrevivência por meio desse desenvolvimento, porém a forma como esse processo se deu trouxe problemas à humanidade, que se encontra com várias áreas comprometidas por um crescimento tecnológico desatrelado da sustentabilidade.¹⁰⁸

Zancanaro afirmou: “A ética jonasiana é baseada nos limites, no cuidado, renúncia, previsão, prevenção e antecipação dos riscos ‘ante a possibilidade dos efeitos tecnológicos conduzirem o planeta a consequências imprevisíveis’”.¹⁰⁹

Nesse sentido, a responsabilidade surge como um elemento que poderá permear as ações humanas, para que o meio ambiente e a vida sejam uma prioridade, já que, na realidade atual, a ditadura do desenvolvimento tecnológico inverteu os valores e colocou em posição de destaque a tecnologia, o consumo e o capital. Então uma ética da responsabilidade precisa emergir nesse tempo.

¹⁰⁶ JUNGES, Márcia. Por uma ética do cuidado e da responsabilidade. Entrevista especial com Lourenço Zancanaro - Instituto Humanitas Unisinos. **IHU online**. São Leopoldo, v. 371, p. 22-24, 2011. p. 3.

¹⁰⁷ JUNGES, 2011, p. 2.

¹⁰⁸ JUNGES, 2011, p. 2.

¹⁰⁹ ZANCANARO, 2011 *apud* JUNGES, 2011, p. 1.

O novo princípio de responsabilidade terá como objeto concreto de entendimento a possibilidade de perpetuação indefinida da humanidade no futuro que poderá estar comprometida pela degradação do meio ambiente, pelos perigos da energia nuclear, pelos avanços e possibilidades da engenharia genética e da biotecnologia. A humanidade encontra-se diante da “ameaça” dos novos poderes que ultrapassam a legislação e as prescrições morais. É esse vácuo que precisa ser preenchido pela reflexão, um vazio ético que é, para Jonas “O vazio do atual relativismo dos valores”.¹¹⁰

A ética da responsabilidade pode desempenhar um papel significativo na filosofia da educação, sendo uma base importante para ações que podem proporcionar a integralidade do processo nas mais diversas áreas para o cuidado e formação da responsabilidade social. Apesar de a educação não ser a única responsável pelas consequências atuais da vida em sociedade, é reconhecido o seu papel como “arquétipo” de toda a responsabilidade.¹¹¹

Pode-se destacar então, o papel da educação na formação integral para a responsabilidade como um meio para a apreciação da vida.¹¹² A relação entre o conhecimento e a ética de responsabilidade fomenta a consciência das “obrigações” presentes e futuras. Se algum “poder” o ser humano tem, por outro lado, precisará surgir uma “obrigação” com o futuro.

No entanto, para essa estruturação, a educação tem uma tarefa relevante para uma formação humana. Os saberes devem proporcionar essa visão abrangente e conectada a esse cuidado com o futuro e com o mundo, sendo compreendidos como conhecimentos multidisciplinares, pertinentes a todas as ciências naturais, sociais, culturais e éticas, para uma formação básica, que ofereça respostas para os desafios do mundo de forma equilibrada e sustentável.

Hans Jonas, um dos representantes de uma ética da responsabilidade, se pauta visivelmente pelos dois tipos de argumentação. Diante do mundo ameaçado por sua destruição por mão humana, Jonas lembra a humanidade de sua tarefa de cuidar desta terra e preservá-la para futuras gerações. Assim, formulou o “princípio responsabilidade”.¹¹³

Na citação em destaque, Sinner e Saldanha destacaram o princípio da responsabilidade de Hans Jonas mediante um mundo fragilizado em consequência

¹¹⁰ ZANCANARO, 2011 *apud* JUNGES, 2011, p. 2.

¹¹¹ ZANCANARO, 2011 *apud* JUNGES, 2011, p. 3.

¹¹² ZANCANARO, 2011 *apud* JUNGES, 2011, p. 3.

¹¹³ SINNER, Rudolf von; SALDANHA, Marcelo Ramos. **Ética Contemporânea**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. p. 27.

das ações humanas durante a história, o que tem colocado não só o presente, mas também o futuro em xeque. Diante do contexto das novas capacidades tecnológicas e científicas, há uma responsabilidade na tomada de decisões, levando em conta o impacto a longo prazo sobre o meio ambiente, as futuras gerações e o planeta como um todo.

Boff ressaltou que Jonas relacionou o princípio da responsabilidade ao medo coletivo. Ele é resultante da percepção humana de um fim trágico, que pode fazer com que a sua espécie desapareça, o que proporciona inconscientemente uma ética da sobrevivência, onde a vida passa a ter um valor acima de outros, sejam eles econômicos, culturais ou religiosos.¹¹⁴

Essa reflexão se relaciona com a consciência filosófica da finitude. Quando o ser humano se depara com a possibilidade de um fim trágico, seja através de catástrofes naturais, crises sociais ou mesmo a extinção como espécie, é natural que desenvolva um medo profundo, ligado à sobrevivência. Esse medo parece despertar, por instinto, uma ética de preservação da vida, que é vista como o valor, acima de qualquer outro princípio que normalmente guiaria suas ações. Durante a pandemia, a ética da sobrevivência permeou diversas ações humanas, inclusive educativas, sendo um ponto crucial para a constituição da ética da responsabilidade.

Os conceitos da ética do cuidado e da responsabilidade, aliados à formação humana, proporcionam uma visão de educação e conhecimentos relacionados a um contexto desafiador, mas que elucidam um novo olhar humano para o presente e com ações para o futuro, o que proporcionará uma tomada de decisões mais conscientes em todas as esferas da vida, como afirmou Boff: “Somos responsáveis pela sustentabilidade de Gaia e de seus ecossistemas para que possamos continuar a viver junto com toda a comunidade de vida.”¹¹⁵

4.4 SÍNTESE SOBRE O CAPÍTULO

O quarto capítulo da pesquisa proporciona uma abordagem sobre o cuidado como um meio para a educação comunitária. Nesse sentido, tem-se como referência a ética do cuidado e o princípio que ele é algo intrínseco à natureza humana, sendo

¹¹⁴ BOFF, Leonardo. **O eclipse da ética na atualidade**. 2018. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2018/07/15/o-eclipse-da-etica-na-atualidade/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

¹¹⁵ BOFF, 2018.

um meio para a educação, e também a finalidade do processo. Para a fundamentação, a ética do cuidado é vista na perspectiva filosófica, por intermédio das concepções de Heidegger, como algo essencial para a interpretação do ser humano.

No aspecto teológico, as reflexões de Boff referentes ao cuidado como uma disposição humana de se lançar em prol do outro, sendo algo intrínseco a sua natureza, aproximando-o do outro e de Deus. Tillich relacionou o cuidado à ontologia existencial, fazendo parte da sua estruturação, percebendo o amor como um elo reconstrutor, mediante qualquer estrutura onde houve um rompimento. Tillich percebe a ruptura, como uma forma de alienação, pois o ser humano não pode se separar de sua real essência, que é o cuidado. Nesse sentido, as injustiças sociais são caracterizadas por essa ruptura e total ausência de cuidado, o que desestabiliza o ser tanto em sua individualidade, quanto nas vivências sociais. Sölle relacionou o cuidado como fundamental na transformação social.

O princípio ético do cuidado é proposto por Hans Jonas para a emergência de um novo *ethos*, que orientará as ações humanas mediante as crises que toda a humanidade está enfrentando. Boff ressaltou a crise do modo trabalho, das relações humanas e a ambiental. O *ethos* proporcionará uma nova visão, que transcende o materialismo, conduzindo o ser humano a um retorno e a um sentido real da sua existência, cuidar do próximo e do ambiente, o que implicará em uma responsabilidade social. Nesse sentido, o *ethos* envolve compaixão e relacionamento.

A formação humana que se pretende alcançar por meio do cuidado é um processo contínuo, através do qual o desenvolvimento do ser em sua integralidade trará intencionalidade em todas as ações pedagógicas nos ambientes de educação. Há uma responsabilidade compartilhada nesse sentido, pois o ser se forma e se constrói por meio do outro e pela sua identificação e realização por ser parte do ambiente que o cerca. Nesse processo construtivo todo um princípio ético se sustentará para uma educação em sua dimensão humana.

5 PRODUTO DE PESQUISA

Como produto da pesquisa apresentada, está sendo proposto um projeto pedagógico para o ensino de Música em espaços de educação não formais localizados em comunidades, como igrejas, projetos sociais, sob a perspectiva do cuidado, da formação humana e por meio de oficinas musicais. A música tem um potencial no cotidiano para proporcionar essa formação, que envolve espiritualidade, cultura, conexão com Deus e com outras pessoas. Cabe ressaltar que, em igrejas, a música também é uma expressão de culto a Deus.

Eu aprendi a gostar de música clássica muito antes de saber as notas: minha mãe as tocava ao piano e elas ficaram 40 gravadas na minha cabeça. Somente depois, já fascinado pela música, fui aprender as notas - porque queria tocar piano. A aprendizagem da música começa como percepção de uma totalidade - e nunca com o conhecimento das partes.¹¹⁶

Rubem Alves ao fazer uma abordagem sobre o seu processo de aprendizagem da leitura fez uma analogia com a aprendizagem que acontece por meio da percepção que as pessoas têm ao terem o contato com a Música. Como a arte de combinar os sons pode despertar as mais diversas sensações e emoções, mesmo sem o conhecimento das partes que a integram.

Na vivência prática da educação comunitária, é possível ter um projeto específico na área musical, proporcionando uma formação em todos os aspectos relacionados à pesquisa aqui apresentada. Nas comunidades, a música traz elementos culturais importantes para a compreensão da vida comunitária e, como uma prática de cuidado, orienta o ser humano para o outro e para Deus.

Existem muitos projetos sociais localizados nas comunidades brasileiras e o ensino de música pode ser uma das estratégias importantes de educação. No entanto, apesar desse projeto estar direcionado a espaços não formais, é possível também a sua viabilização em escolas de comunidade. Há um respaldo legal, por meio da lei 11.759¹¹⁷ de 2008, que determina a presença da música na educação

¹¹⁶ ALVES, 2012, p. 41.

¹¹⁷ BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>. Acesso em: 12 nov. 2024.

básica como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo no ensino da arte. Atualmente, a Lei nº 13.415/17¹¹⁸ que estabelece mudanças na estrutura do Ensino Médio oferece a possibilidade de ensino de música como componente eletivo na parte diversificada da matriz curricular.

5.1 PROJETO PEDAGÓGICO: OFICINAS MUSICAIS

Tema: Iniciação musical por meio da educação comunitária

Público-alvo: Adolescentes entre 12 e 17 anos

Duração: 2 horas-aulas semanais durante nove semanas

Espaços de aprendizagem: Projetos sociais, igrejas, escolas comunitárias, associações comunitárias, etc.

5.1.1 Objetivo Geral

Desenvolver a musicalidade por meio de práticas musicais coletivas e de cuidado para inclusão cultural e responsabilidade social.

5.1.1.1 Objetivos específicos

- Compreender a música como um meio de educação comunitária para distanciar adolescentes de situações de vulnerabilidade social;
- Proporcionar o acesso ao conhecimento musical, cultural e artístico, relacionando-os ao contexto da vida em comunidade;
- Contribuir para o desenvolvimento de habilidades, da espiritualidade e de interações sociais por meio do ensino de música com a perspectiva do cuidado entre estudantes, educadores e comunidade;

¹¹⁸ BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 12 nov. 2024.

- Fortalecer a construção da responsabilidade social, por meio do ensino prático relacionado ao cotidiano e história de vida dos estudantes;

5.1.2 Fundamentação Teórica

O Ensino de Música em educação comunitária têm um papel relevante, proporcionando uma experiência artística, espiritual e multidimensional a muitas pessoas, que poderiam não ter a oportunidade de aprendizagem em seu cotidiano, sendo uma ferramenta importante de intervenção e transformação social.

Ilari traz o enfoque sobre a importância da música para a humanidade, considerando-a como uma “forma de comunicação e expressão humana”¹¹⁹, que está presente no contexto de todos os povos. No entanto, é importante elucidar que cada grupo tem os seus signos e significados musicais, podendo acontecer variações referentes a sua compreensão ou sobre o que seria música, a sua funcionalidade e elementos.

Então, ao se fazer uma abordagem sobre o ensino de música como um meio de educação comunitária é fundamental essa compreensão do contexto do grupo e como a música é percebida. Outro fator importante diz respeito ao crescimento de instituições sociais, inclusive com ensino de música. Maciel escreveu sobre esse movimento de expansão de instituições sociais, como projetos sociais e ONGs, o que tem influenciado a estrutura social.¹²⁰

No entanto, em muitas dessas comunidades onde esses projetos estão implantados, jovens, adolescentes e crianças vivem em situações de vulnerabilidade social. A educação musical pode distanciá-los dessas situações por meio do desenvolvimento da espiritualidade e de várias habilidades, como sensibilidade, cognição, memória, criatividade, expressão, sobretudo estimulando a interação social e a formação da identidade.

¹¹⁹ ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. **Revista Eletrônica de Musicologia**, Curitiba, v. 9, p. 1-8, out. 2005. p. 6.

¹²⁰ MACIEL, Edineiram Marinho. Educação Musical, projetos sociais e inclusão: um estudo de caso no sertão da Bahia. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade – Universidade do estado da Bahia. **Dissertação** (Mestrado). Salvador, 2011 Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/624/1/EDINEIRAM.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024. p. 12.

O ensino de música torna o estudante autônomo em seu espaço, tanto na construção do conhecimento, quanto na socialização, contribuindo na aprendizagem de outros também. Nas comunidades, esses aspectos são relevantes na transformação da realidade de muitas pessoas, para um desenvolvimento social, cultural, ético e cidadão.

É importante salientar que o Ensino de Música com essa perspectiva social é uma realidade em muitos ambientes não formais, proporcionando oportunidades de aprendizagem a muitas pessoas e grupos, favorecendo a construção da cidadania e da dignidade humana.

Para Corusse e Joly os projetos sociais tem uma origem em contextos específicos, envolvendo questões que precisam ser observadas e compreendidas. É necessário conhecer os aspectos relacionados à estruturação do ensino de música, qual o público alvo, quais seus objetivos e finalidade nesses ambientes para uma formação que possa proporcionar a essas pessoas cultura, novas oportunidades de conhecimento e profissionais.¹²¹

Os estudos de Kleber afirmam que as ONGs brasileiras têm demonstrado de maneira significativa como a música pode ser um poderoso catalisador de transformação social e humana. Esses projetos, que atuam em diversas comunidades de todo o Brasil, não apenas ensinam habilidades artísticas, mas também proporcionam um espaço de inclusão social, fortalecimento da autoestima e criação de um ambiente de cuidado, fatores essenciais para a formação humana.¹²²

Por meio das vivências em grupo, a prática musical pode proporcionar a construção de valores, como o senso de responsabilidade, cooperação e interação. Cada indivíduo pode se tornar um multiplicador do conhecimento adquirido para a aprendizagem de outros. Novos educadores e educadoras musicais podem surgir nesses espaços, adquirindo uma responsabilidade para outros papéis importantes na vida em sociedade.

O ensino de música nesses contextos também é importante para a preservação da cultura, herança popular e identitária. Aliados à realidade de cada

¹²¹ CORUSSE, Mateus Vinicius; JOLY, Ilza Zenker Leme. A educação musical em projetos sociais: concepções do desenvolvimento das funções humanas e sociais da música. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 19, n. 2, p. 49-57, 2014. p. 54.

¹²² KLEBER, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONGs**: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. Porto Alegre, 2006. p. 279.

comunidade, a fé, a espiritualidade e aspectos subjetivos da formação humana também podem ser desenvolvidos, especialmente na adolescência, e a música é um meio importante nesse sentido.

Ilari abordou que “a música carrega traços de história, cultura, e identidade social.”¹²³ A prática musical realizada durante as oficinas “envolve diversas formas de aprendizagem contidas em atividades como audição, canto, representação, reprodução, criação, composição, improvisação, movimento, dança e execução instrumental entre outras”, que auxiliam no desenvolvimento da inteligência musical.

As práticas vocais e instrumentais coletivas consistem em instrumentos mediadores para a aproximação entre os e as estudantes, auxiliando no desenvolvimento de práticas de cuidado, bem como de habilidades motoras, cognitivas, afetivas, sociais, possibilitando um espaço favorável ao aprendizado cooperativo. Por meio das aulas em grupo, ao mesmo tempo que cada estudante aprende e pratica o seu instrumento, também cuida da formação de outras pessoas.

5.1.3 Justificativa

O projeto pedagógico para realização de oficinas musicais em educação comunitária, com uma visão de formação permeada pelo cuidado e responsabilidade, tem a potencialidade de promover transformações significativas nas comunidades para o bem-estar coletivo e individual, além de fortalecer os vínculos com o meio. A ética do cuidado baseada no princípio da responsabilidade nas relações humanas, especialmente nos ambientes que envolvem a vulnerabilidade social, torna-se um elemento importante na prática musical, estabelecendo um sentido na vida de cada pessoa.

Um outro ponto importante do projeto, refere-se a sustentabilidade, que é uma das vertentes da ética do cuidado, onde cuidar das pessoas e do mundo torna-se um fundamento importante. Entre os recursos didáticos utilizados, os instrumentos de percussão confeccionados com materiais reutilizados, favorecem a redução dos resíduos sólidos nas comunidades, o que se configura em uma problemática não apenas comunitária, mas global. A educação comunitária promove alternativas para a comunidade na resolução de problemas e essa visão de

¹²³ ILARI, 2005, p. 6.

sustentabilidade dos recursos pode ser uma resposta importante a essa questão social e ambiental.

Na ética do cuidado, a centralidade ideológica é que as relações humanas devem ser baseadas no cuidado mútuo, no apoio e no entendimento da realidade do outro. Nas oficinas musicais, é desencadeada uma construção de um ambiente seguro, onde todos os participantes são acolhidos e apoiados, independentemente de sua condição de vida. Por meio da aprendizagem musical, a linguagem transmitida pela música atrai o público, sobretudo jovem, à sua inclusão, respeito e apoio coletivo. Ao trabalhar em grupo, os e as participantes não apenas aprendem música, mas também desenvolvem um senso de responsabilidade mútua, superando dificuldades, celebrando juntos e juntas o sucesso coletivo.

5.1.4 Metodologia

- Dinâmica de grupo (Vivências Sonoras) e socialização;
- Exposição participada
- Prática Instrumental (ritmo), utilizando-se instrumentos alternativos construídos pelos e pelas estudantes com materiais reutilizados (cuidado ambiental)
- Prática de cuidado humano: Aula vocal para o desenvolvimento da musicalidade através de práticas musicais coletivas como meio de inclusão cultural, socialização e elevação da autoestima.
- Prática social: Escolha de repertório pelos e pelas estudantes.
- Prática social e de cuidado humano: Formação de equipes para aprendizagem em grupo, tanto para instrumento quanto para estudo vocal.
- Ensaio do repertório.
- Recital didático para apresentação à comunidade.

5.1.5 Cronograma das aulas

Aulas	Datas	Conteúdos
Aula 1	A confirmar	Conceitos sobre música e parâmetros do som: Altura, timbre, intensidade e duração.
Aula 2	A confirmar	Ritmo Figuras rítmicas Solfejo rítmico
Aula 3	A confirmar	Confecção de instrumentos percussivos alternativos Prática percussiva
Aula 4	A confirmar	Prática percussiva
Aula 5	A confirmar	Melodia e harmonia Notas musicais Solfejo melódico
Aula 6	A confirmar	Prática de Canto
Aula 7	A confirmar	Prática de Canto
Aula 8	A confirmar	Prática de Canto e percussiva
Aula 9	A confirmar	Recital Didático

5.1.6 Recursos Didáticos

Quadro, piloto, projetor multimídia, notebook, caixa de som, microfone, teclado, materiais para reutilização (Latas, garrafas pets, caroços de legumes e frutas ressecados, embalagens de iogurte, etc.).

5.1.7 Avaliação

- Processual, realizada com base em planos de aula e seus desdobramentos teóricos e práticos.
- Participação nas práticas musicais coletivas para o cuidado interpessoal: Estudantes contribuem na aprendizagem de outros e outras estudantes.

- Participação na prática social e ambiental: Atividades de coleta e reutilização de materiais para o cuidado ambiental.
- Elaboração e participação no recital didático de finalização das oficinas.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada sobre a educação comunitária de adolescentes em situação de vulnerabilidade social tem grande relevância acadêmica, por elencar referenciais teóricos fundamentais, relacionados à educação de jovens, que convivem com realidades desfavoráveis em muitas comunidades brasileiras. A nível social, proporcionar estudos sobre um processo educativo que aponta para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida comunitária, propiciando a busca por alternativas, espaço para a discussão e soluções de situações problemáticas desse contexto. A educação, nesse sentido, não se constitui apenas no âmbito teórico, mas também como um meio de cuidado e formação humana.

Essa realidade complexa da fragilidade social é evidenciada por meios como a falta de acesso a recursos básicos, bem como um cotidiano com situações de violência, estigmatização e exclusão. A abordagem comunitária pode ter um alcance mais integral, promovendo não apenas a educação formal, mas também construções emocionais, espirituais e sociais, para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida pessoal, comunitária e profissional. A importância dessa formação humana que valoriza a construção identitária e as experiências dos adolescentes, incentivando-os a participação ativa na sociedade.

No entanto, para que haja intervenções nessas realidades, tornou-se necessário a compreensão desse processo da adolescência de forma multifacetada. Como uma construção cultural, é uma etapa interpretada e construída por épocas históricas e grupos diferentes, o que está além da mudança física. As particularidades de cada adolescente estão carregadas de uma unicidade, pois embora partam de um contexto social mais amplo, enfrentam épocas, desafios e realidades distintas. Então, qualquer proposta metodológica para intervir em suas realidades, precisa considerar suas individualidades e contextos. Essa compreensão não pode estar limitada a aspectos biológicos, mas a envolver uma análise profunda das influências culturais, sociais e interacionais, que delineiam essa fase da vida.

Nessa análise, destaca-se a importância da fé e da espiritualidade na formação da identidade, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A construção da fé se inicia desde o nascimento e se estende ao longo da vida, onde

são interiorizados valores e crenças. Apesar da religião ter um papel relevante para essa estruturação, a fé não está limitada, envolvendo aspectos intrínsecos da essência do ser humano, relacionando-se com a coragem de ser e se autoafirmar diante das adversidades. Ela é desenvolvida na prática, por meio dos relacionamentos e da imaginação, na formação de memórias afetivas importantes. O adolescente deseja uma relação com Deus que seja profunda e que o ajude a reafirmar sua identidade.

Outro paradigma relevante é a relação existente entre as dinâmicas familiares e dos grupos de relacionamento com os comportamentos apresentados pelos adolescentes e a formação da identidade nessas interações. Então, é considerável o estudo sobre a evolução do formato dessas relações ao longo do tempo, reconhecendo que por seu intermédio, muitas construções internas e conexões são estabelecidas.

Nesse mecanismo do adolescente, a família sempre exerce um papel crucial na formação, sendo um agrupamento de educação, acolhimento e proteção. Com o tempo, as configurações familiares e os modelos de interação social mudaram, refletindo transformações culturais e sociais, impactando diretamente na maneira como os adolescentes vivenciam sua identidade e socialização. Dessa forma, a compreensão da adolescência requer também uma análise que considere essas interações, para um melhor conhecimento sobre os desafios do desenvolvimento adolescente.

A educação comunitária, em sua proporção mais ampla, pode ser um processo construtivo de ensino e aprendizagem com implicações sociais, espirituais, emocionais e afetivas. Nesse sentido, não é apenas um mecanismo de transmissão de conhecimentos, mas um meio de formação e construções coletivas, fundamentais para o desenvolvimento do adolescente. Essa mediação educativa nas comunidades pode ser uma prática tanto em ambientes não formais, quanto formais, com relevância e alcance em muitas comunidades marginalizadas, onde o poder público muitas vezes não chega com as mesmas estruturas de apoio e recursos que em outros contextos.

Em ambientes comunitários de educação, o processo de ensino e aprendizagem torna-se significativo, quando suplanta as dimensões conceituais e técnicas, proporcionando ao estudante uma formação com uma perspectiva de

desenvolvimento integral do ser, o que é intrínseco. Nesse panorama, a ética do cuidado torna-se uma elaboração necessária, bem como os princípios que a fundamentam.

O ser humano por sua natureza tem todo o seu crescimento por meio de práticas de cuidado. Desde os primeiros anos de vida e as primeiras habilidades adquiridas, a presença dos pais inspira um referencial de fé e cuidado. As interações da primeira infância são construídas de maneira salutar, nas relações humanas permeadas pelos valores relativos a práticas de cuidado, que constituem as estruturas humanas intrínsecas, mas que refletem na formação e nas práticas em sociedade.

A ética do cuidado é um princípio relevante, especialmente durante a adolescência, que é um período de intensas transformações emocionais, cognitivas e sociais. O cuidar do outro, mas também cuidar do ambiente, em que se é parte integrante, reflete-se em cuidar de si próprio. Esse exercício educativo forma o adolescente, para se perceber e, ao mesmo tempo, o mundo e as pessoas que o cercam. Valores como a fé e a confiança são internalizados, o que favorece seu crescimento emocional e sua capacidade de formar relações saudáveis.

O cuidado também tem um impacto direto na construção da identidade social e no desenvolvimento da espiritualidade, não apenas proporcionando bens imediatos ao adolescente, mas para a formação de um adulto socialmente responsável. Nesse sentido, a educação comunitária, respaldada por esses princípios, torna-se uma referência que proporcionará um desenvolvimento saudável para a criação de uma sociedade mais justa e participativa.

Essa pesquisa, que se apresentou como uma dissertação de referência bibliográfica trouxe reflexões nesse sentido de educação comunitária, apontando também para mecanismos e metodologias, para que ela seja vista perante a sociedade como uma prática importante para a transformação social de muitos adolescentes em situação de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENDRATH, Eduard Angelo. **A Educação Não-Formal a partir dos relatórios da UNESCO**. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/aa62b44f-dbd5-4c77-96f6-9931ad0d758e/content>. Acesso em: 26 nov. 2024.
- BIBLIA SAGRADA: **Nova Versão Transformadora**. Trad. N. B. Pereira. Revista Encontros Teológicos, [S. l.], v. 32, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1930/HEB.11.1.NVT>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, Leonardo. **O eclipse da ética na atualidade**. 2018. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2018/07/15/o-eclipse-da-etica-na-atualidade/>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 25 out. 2024.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 set 2024.
- BRASIL. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 15 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada

pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 12 nov. 2024.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

CORUSSE, Mateus Vinicius; JOLY, Ilza Zenker Leme. A educação musical em projetos sociais: concepções do desenvolvimento das funções humanas e sociais da música. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 19, n. 2, p. 49-57, 2014.

COTTA, Denis; CAMPOS, Fabiano Victor. O cultivo da sabedoria interior: o encontro entre a espiritualidade humanista e a educação nos escritos de Erich Fromm. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 87–116, 2022. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2145>. Acesso em: 6 nov. 2024.

DA SILVA, Paulo Sérgio Modesto; VIANA, Meire Nunes; CARNEIRO, Stania Nágila Vasconcelos. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. v. 10, 2013. Acesso em: 28 out. 2024.

FERNANDES, Mônica Abranches. **Democratizando as relações pela conquista da cidadania**: O trabalho da educação comunitária. Paidéia, 2022.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé**: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. Trad. Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREIRE, Paulo. A EDUCAÇÃO é um ato político. **Cadernos de Ciência**, Brasília, n. 24, p. 21-22, jul./ago./set. 1991. p. 20. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1357>. Acesso em: 25 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Virgínia de. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. **IV Congresso Internacional de Pedagogia Social**: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, p. 10-32, dez, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo, parte I**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. **Revista Eletrônica de Musicologia**, Curitiba, v. 9, p. 1-8, out. 2005.

JUNGES, Márcia. Por uma ética do cuidado e da responsabilidade. Entrevista especial com Lourenço Zancanaro. **IHU online** - Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, v. 371, p. 22-24, 2011.

KLEBER, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONGs**: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. Porto Alegre, 2006.

MACIEL, Edineiram Marinho. Educação Musical, projetos sociais e inclusão: um estudo de caso no sertão da Bahia. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade – Universidade do estado da Bahia. **Dissertação** (Mestrado). Salvador, 2011 Disponível em:
<http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/624/1/EDINEIRAM.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

NICO, Bravo. **Educação Comunitária**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2020.

NÖRNBERG, Marta. A Ética do Cuidado numa Instituição de Educação de Crianças e Jovens no Meio Popular. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v. 11, n. 19-20, 2009.

NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, Vargas Vargas. A alienação à luz de Paul Tillich. **UNITAS - Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 3, n. 1, p. 92-99, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Simone Rocha da. Possibilidades e limites no enfrentamento da vulnerabilidade social juvenil: a experiência do Programa Agente Jovem em Porto Alegre. 2007. 249 f. **Tese** (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SAFRA, Gilberto. A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo. **Espiritualidade e Saúde**, v. 2, 2004.

SARTI, Cynthia A. Família e jovens no horizonte das ações. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 99-109, ago. 1999. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2024. p. 100.

SARTI, Cynthia A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. **Família: modos de usar**. Campinas: Papyrus, 2006.

SILVA, Paulo Sérgio Modesto; VIANA, Meire Nunes; CARNEIRO, Stania Nágila Vasconcelos. O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget. **Psicologia PT - o portal dos psicólogos**, v. 10, p. 3, Dez, 2011.

SILVA, Valéria. Artigo: Constituição identitária juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez. **Política & Sociedade**, v. 5, n. 8, p. 123-158, 2006.

SINNER, Rudolf von; SALDANHA, Marcelo Ramos. **Ética Contemporânea**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. p. 27.

SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e violência no Brasil contemporâneo**. 2004. p. 2. Disponível em: https://www.academia.edu/34674917/Juventude_e_Viol%C3%Aancia_no_Brasil_Co%20tempor%C3%A2neo_1. Acesso em: 15 out. 2024.

SÖLLE apud SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; ULRICH, Claudete Beise. Aspectos da Teologia Política, Mística e Feminista de Dorothee Sölle: relações com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Educação Popular. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 01, p. 80-97, 2020.

SOUZA, Larissa Barros de; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; FIORATI, Regina Célia. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Educacional**, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1812>. Acesso em: 27 out. 2024.

TILLICH, P. **Amor, Poder e Justiça**: Análises ontológicas e aplicações éticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

UNICEF. **As múltiplas dimensões da pobreza na infância e na adolescência no Brasil**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 28 out. 2024.

WAGNER, Adriana et al. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 12, p. 147-156, 1999.

WINNICOTT apud SAFRA, Gilberto. A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo. In: NOE, Sidnei (Org.). **Espiritualidade e Saúde**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.